



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
CAMPUS ALENQUER
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

ANDREZA ARAGÃO DE SOUSA

**A CADEIA PRODUTIVA DA JUTA EM ALENQUER: UM RESGATE HISTÓRICO E
PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

**ALENQUER- PA
2025**

ANDREZA ARAGÃO DE SOUSA

**A CADEIA PRODUTIVA DA JUTA EM ALENQUER: UM RESGATE HISTÓRICO E
PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Trabalho de Curso apresentado ao curso de
Administração da Universidade Federal do Oeste
do Pará- UFOPA, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Dra. Wandicleia Lopes de Sousa.

**ALENQUER
2025**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

-
- S725c Sousa, Andreza Aragão de
 A cadeia produtiva de juta em Alenquer: um resgate histórico e perspectiva para
 o Desenvolvimento Sustentável. / Andreza Aragão de Sousa – Santarém, 2025
 68 p.: il.
 Inclui bibliografias.
- Orientadora: Wandicleia Lopes de Sousa
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do
 Pará, Campus de Alenquer, Bacharelado em Administração.
1. Juta. 2. Alenquer. 3. Desenvolvimento sustentável. 4. Agricultura familiar. 5. Bioe-
 conomia. I. Sousa, Wandicleia Lopes de. *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 338.17098115

ANDREZA ARAGÃO DE SOUSA

**A CADEIA PRODUTIVA DA JUTA EM ALENQUER: UM RESGATE HISTÓRICO E
PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Trabalho de Curso apresentado ao curso de
Administração da Universidade Federal do Oeste
do Pará- UFOPA, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Dra. Wandicleia Lopes de Sousa.

Conceito:

Data de Aprovação ____/____/____



Documento assinado digitalmente

WANDICLEIA LOPES DE SOUSA

Data: 06/08/2025 14:05:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Wandicleia Lopes de Sousa - Orientadora

.....

Documento assinado digitalmente



MARIA DO ROSARIO DA SILVA

Data: 06/08/2025 15:26:55-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Ma. Maria do Rosário da Silva – Examinadora Interna

Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA b Campus de Alenquer

Profº. Dr. Felipe de Lima Bandeira - Examinador Interno
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA



Documento assinado digitalmente

FELIPE DE LIMA BANDEIRA

Data: 13/08/2025 14:16:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado força, sabedoria e saúde durante toda a minha caminhada acadêmica. Em cada desafio, foi a fé que me sustentou e me fez seguir em frente.

Com imenso carinho, agradeço aos meus pais, Leticy e Belarmino, pelo amor incondicional, pelo apoio e pelas palavras de encorajamento nos momentos em que pensei em desistir. Foram vocês que me ensinaram o valor da persistência e da honestidade, virtudes que levarei comigo por toda a vida.

Aos colegas de turma e da vida que, de alguma forma, contribuíram com esta trajetória, deixo minha gratidão. Em especial, Valdiane, Taiane e Ana Amélia, por estarem presentes com amizade, apoio e companheirismo nos momentos mais importantes desta jornada.

Agradeço à professora Wandicleia, por ter aceitado me orientar com paciência, dedicação e empatia. Seu compromisso com a educação foi fundamental para a realização deste trabalho. Estendo minha gratidão a todos os professores e professoras que, com esforço e paixão pelo ensino, mostram que a educação é o caminho para a transformação de um mundo melhor. Vocês me inspiram a acreditar que, mesmo com limitações, é possível alcançar grandes objetivos.

Enfim, chegar até aqui me faz acreditar que nada é impossível quando se tem fé e determinação.

Finalizo com uma frase inspiradora de Peter Drucker, considerado o pai da Administração moderna: "A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo."

RESUMO

O presente trabalho analisa a cadeia produtiva da juta no município de Alenquer-PA, sob a perspectiva da administração e do desenvolvimento sustentável. A pesquisa tem como objetivo resgatar a trajetória histórica dessa cultura, destacando seu papel na economia local entre as décadas de 1940 e 1980 e investigando seu potencial atual como alternativa sustentável. Por meio de revisão bibliográfica e abordagem qualitativa, foram analisados aspectos históricos, socioeconômicos e ambientais relacionados ao cultivo da juta, enfatizando a participação das comunidades ribeirinhas, a importância das sementes, os ciclos produtivos e os desafios enfrentados nas últimas décadas. Os resultados evidenciam a relevância da juta como atividade tradicional e sustentável, reforçando a necessidade de políticas públicas que incentivem sua retomada, associando saberes tradicionais à inovação e à bioeconomia amazônica. Os principais resultados consideram que o fortalecimento da cadeia da juta pode contribuir significativamente para a geração de renda, a valorização cultural e a conservação ambiental no contexto amazônico.

Palavras-chave: Juta. Alenquer. Desenvolvimento Sustentável. Agricultura familiar. Bioeconomia.

ABSTRACT

This study analyzes the jute production chain in the municipality of Alenquer-PA, from the perspective of administration and sustainable development. The research aims to recover the historical trajectory of this crop, highlighting its role in the local economy between the 1940s and 1980s, and investigating its potential as a sustainable alternative. Through a bibliographic review and a qualitative approach, historical, socioeconomic, and environmental aspects related to jute cultivation were analyzed, emphasizing the participation of riverside communities, the importance of seeds, planting cycles, and the challenges faced in recent decades. The results highlight the relevance of jute as both a traditional and sustainable activity, reinforcing the need for public policies that encourage its revitalization, associating traditional knowledge with innovation and the Amazonian bioeconomy. The findings point to ways in which strengthening the jute production chain can significantly contribute to income generation, cultural appreciation, and environmental conservation in the Amazonian context.

Keywords: Jute. Alenquer. Sustainable Development. Family farming. Bioeconomy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do município de Alenquer	23
Figura 2: Semente de juta.	34
Figura 3: Plantação tradicional de juta em várzea.....	44
Gráfico 1: Desenvolvimento da Produção de Juta em Alenquer (1950- 2024) em toneladas.....	45
Quadro 1: Transformações na cadeia produtiva da juta no Pará (1940-1990	18
Quadro 2: Protocolo de Pesquisa para seleção dos documentos para análise.....	27
Quadro 3: Comparativo Cultivo da Juta e da Malva na Amazônia	35
Quadro 4: Atores e suas funções na cadeia produtiva da juta em Alenquer	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CIA	Companhia Industrial Amazonense S/A
CTC	Comissão Técnica de Culturas Regionais
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDAM	Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas
IFIBRAM	Instituto de Fomento à Produção de Fibras Vegetais da Amazônia
IFS	Institutos Federais
IAN	Instituto Agrônômico do Norte
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMAS	Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS.....	13
2.1 Objetivo Geral.....	13
2.3 Justificativa.....	13
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
3.1 Psicologia das Organizações e a Motivação na Cadeia Produtiva da Juta..	14
3.2 A trajetória da Juta nos municípios no Baixo Amazonas Paraense: desafios e perspectiva	17
4 METODOLOGIA	22
4.1 Caracterizando o local da pesquisa	22
4.2 Processos Metodológicos	27
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
5.1 Análise dos artigos selecionados.....	29
5.2 A semente da juta e suas funções.....	31
5.3 Modo de Vida e Economia Local antes da Introdução da Juta	36
6 RESGATE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA CIDADE DE ALENQUER	40
6.1 Alenquer: Entre rios, memórias e tradições e o nascimento de um povo amazônico.....	40
6.2 Produção e colheita da juta: trabalho ribeirinho entre saberes tradicionais e dependência econômica.....	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	53
APÊNDICES	53

1 INTRODUÇÃO

Reencontrar-se com um passado não muito distante da realidade atual de um município é buscar compreender suas raízes e mergulhar nas riquezas naturais que chegaram até a Amazônia, espalhando-se pelas pequenas cidades e transformando seus meios de sobrevivência. No município de Alenquer - PA, esse processo é evidenciado especialmente na trajetória da cultura da juta, fibra têxtil que se tornaram elementos indispensáveis no giro econômico e na sustentabilidade do local durante décadas, marcando momentos importantes de sua história quando sua produção se expandiu pelas várzeas da região Amazônica e transformou os meios de subsistência de inúmeras comunidades ribeirinhas promovendo emprego, renda e desenvolvimento regional (AGÊNCIA PARÁ, 2020).

Nas décadas de 1960 a 1980, a produção da juta ganhou destaque no Baixo Amazonas, consolidando-se como uma das principais cadeias produtivas da região. Contudo, com o passar dos anos, diversos fatores como a falta de incentivo governamental, a concorrência com fibras sintéticas, a ausência de políticas de valorização e os desafios logísticos contribuíram para o declínio dessa atividade (OLIVEIRA; SANTOS, 2020).

Historicamente, a juta passou a ser utilizada como alternativa às sacas de algodão, especialmente na exportação de grãos de café. Seu cultivo foi favorecido pelas condições naturais da região amazônica, tendo alcançado significativa relevância econômica, principalmente nos estados do Pará e Amazonas (SOUZA, 2008; HOMMA, 2010).

A juta (*Corchorus capsularis*) caracteriza-se como uma fibra têxtil vegetal, muito cultivada em locais de clima úmido e quente. Suas sementes são espalhadas à mão e suas folhas verdes claras possuem forma de seta. Países como Índia, Bangladesh e China são os maiores produtores mundiais (ESCOLA BRITÂNICA, 2019). É uma planta produtora de fibras, bastante adaptada às áreas de várzea da Região Amazônica, chega a alcançar de 3 a 4 metros de altura e sua haste principal possui uma espessura de aproximadamente 20 mm, de onde a fibra é extraída (HOMMA, 2010).

Em Alenquer-PA, a juta foi uma das principais culturas desde a década de 30, chegando ao ápice no ano de 1987 com cerca de 4.500 toneladas de fibra, a produção era feita de forma artesanal, envolvendo várias etapas realizadas coletivamente pelas comunidades, desde o plantio até o beneficiamento e

comercialização da fibra. No entanto, a forma predatória nas quais se davam as relações de trabalho e de exploração dos pequenos produtores e ribeirinhos, fez com que essa atividade entrasse em declínio na década de 90. Para Noda (1985) a produção de fibras, como matéria prima de origem agrícola na indústria, revela a situação em que formas de capital, seja industrial ou comercial, exploram de maneira selvagem os produtores diretos.

Neste contexto, o resgate histórico da cadeia produtiva da juta adquire importância não apenas pelo seu valor cultural, mas também por seu potencial de contribuir para o desenvolvimento sustentável, integrando o conhecimento tradicional às estratégias do local (BRASIL, 2021). A partir de uma abordagem fundamentada nos princípios da Administração, esta pesquisa busca analisar a cadeia da juta enquanto estratégia de valorização da agricultura familiar, fortalecimento das práticas sustentáveis e estímulo a formulação de políticas públicas de base territorial e comunitária, assim este estudo apresenta como o resgate histórico da produção de juta pode contribuir para o desenvolvimento econômico e sustentável nos dias atuais no município de Alenquer-PA?

Diante do declínio da cadeia produtiva da juta em Alenquer-PA e considerando seu valor histórico, econômico e cultural para o município, surge a seguinte indagação: De que forma o resgate histórico da produção de juta pode contribuir para a reestruturação econômica e a promoção do desenvolvimento sustentável no município de Alenquer-PA, à luz dos princípios da Administração?

Este projeto de pesquisa está organizado em sete eixos, incluindo essa introdução, no segundo eixo constam os objetivos gerais e específicos, em seguida, apresenta-se a fundamentação teórica, metodologia, por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a cadeia produtiva da juta sob a ótica da administração, resgatando sua trajetória histórica e investigando seu potencial para o desenvolvimento sustentável e a dinamização da economia regional.

2.2 Objetivos Específicos

1. Investigar o desenvolvimento histórico da cadeia produtiva da juta;
2. Mapear os principais agentes e suas funções;
3. Avaliar desafios logísticos, mercadológicos e ambientais;

2.3 Justificativa

A cadeia produtiva da juta desempenhou, historicamente, um papel relevante na dinâmica econômica de Alenquer-PA, especialmente no contexto da Amazônia brasileira. Introduzida na década de 1930, a juta se consolidou como uma alternativa estratégica às sacarias de algodão, atendendo ao mercado exportador de grãos, como o café e promovendo a inclusão de agricultores ribeirinhos no processo produtivo. No entanto, ao longo do tempo, a cultura enfrentou um processo de retração em decorrência da concorrência com fibras sintéticas, da ausência de políticas públicas e da precariedade das condições logísticas e técnicas locais.

Justifica-se, portanto, a realização deste estudo pelo potencial que a juta ainda representa para o desenvolvimento sustentável da região, especialmente no cenário atual de valorização da bioeconomia e de saberes tradicionais. Ao resgatar a trajetória histórica dessa atividade produtiva e analisar seus desafios e perspectivas sob a ótica da administração, busca-se contribuir com reflexões que fortaleçam políticas de incentivo à agricultura familiar, à sustentabilidade ambiental e a dinamização econômica de base local. Além disso, o estudo se alinha aos princípios da interdisciplinaridade e extensão universitária, promovendo o diálogo entre o conhecimento acadêmico e os saberes populares presentes na vida cotidiana dos produtores ribeirinhos de Alenquer.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Psicologia das Organizações e a Motivação na Cadeia Produtiva da Juta

Ao analisar a cadeia produtiva da juta em Alenquer sob a ótica da Psicologia das Organizações, torna-se possível compreender os fatores subjetivos que influenciam a motivação e o engajamento dos produtores locais. A Teoria das Necessidades de Maslow (1943) destaca que os agricultores buscam, além da subsistência, segurança econômica, pertencimento social e autorrealização, elementos que podem ser supridos por meio do fortalecimento dessa cultura tradicional. Herzberg (1959), por sua vez, diferencia fatores higiênicos (como políticas públicas, infraestrutura e condições básicas de trabalho) dos motivacionais (como reconhecimento, valorização cultural e orgulho profissional), elementos essenciais para revitalizar a cadeia da juta.

No início da década de 1930 a introdução da juta marca o início de um novo ciclo que transformou os cenários, econômico, social e político, de Santarém e da região Amazônica (HOMMA, 1995). Os imigrantes japoneses, em 1931, introduziram a cultura da juta nas várzeas da Amazônia para potencialmente suprir a demanda brasileira por sacas dependentes de grandes importações da Índia (Homma, 1995). Por intermédio da empresa japonesa, *Isukasa Uetsuka*, os japoneses imigraram para a Amazônia para inicialmente proceder a adaptação da juta. Considerando como parâmetro comparativo a semelhança dos cultivos às margens dos rios Ganges e Brahmaputra na Índia (LIMA, 1938), a adaptação da juta nas várzeas do Amazonas culminou favoravelmente em 1934.

Com o sucesso da aclimação da juta nos estados do Amazonas e do Pará, houve uma rápida expansão da cultura nas várzeas amazônicas. Inicialmente os plantios eram de propriedade dos colonos japoneses, com o assalariamento de brasileiros (HOMMA, 1995). A difusão através do financiamento dos plantios, a distribuição de sementes, a compra da produção, e a comercialização da fibra da juta, estiveram entre 1937 a 1942 a cargo da Companhia Industrial Amazonense S/A (CIA), primeira fábrica de juta, fundada pela empresa *Isukasa Uetsuka* (HOMMA, 1998; SMITH, 1999).

Segundo Homma (1998), o crescimento da produção de juta evidencia a rápida capacidade de resposta dos pequenos produtores diante de incentivos claros de mercados e preços atrativos, tornando essa atividade uma alternativa viável e competitiva frente a outras opções agrícolas. Inicialmente os campos de produção

localizavam-se nos municípios paraenses de Alenquer, Monte Alegre, e Santarém, e depois, concentrou-se exclusivamente em Alenquer (HOMMA, 1998), onde até os dias atuais encontra-se a produção de suas sementes com grande qualidade por ser uma terra fértil e apta às condições climáticas apropriadas para sua germinação.

Entretanto, os problemas adicionais no descompasso da produção de sementes e a vazante do rio foram mais intensos principalmente no Estado do Amazonas. Porém o principal gargalo para a expansão da jiticultura, de acordo com Homma (1998), foi a baixa capacidade germinativa das sementes. A expansão da cultura da juta na várzea foi favorecida a partir de 1948, quando o Instituto Agrônômico do Norte (IAN) assumiu a produção de sementes da juta em Alenquer e Monte Alegre, tornando-se um aspecto importante no qual foi a priorização da produção de sementes provenientes de plantas com características favoráveis para a produção de fibras; apresentando nesta fase a produção anual de sementes girava em torno de 700 toneladas (Homma,1998).

Justifica a imediata adoção da técnica de cultivo da juta, na ocasião, totalmente desconhecida pelos ribeirinhos:

A rápida adoção do cultivo da juta pelos ribeirinhos ocorreu principalmente devido à existência de mercado e aos preços atrativos na época, mesmo sem a presença de serviços de extensão rural, que só seriam implantados ao final da década de 1960. (MONTEIRO, 1981 apud HOMMA,1998,p.27)

No entanto, as consideráveis extensões de florestas e/ou plantio de cacau, foram derrubados para plantar juta (SMITH, 1999); e ainda afirma que mais florestas teriam desaparecido se os ribeirinhos tivessem se orientados principalmente para a pecuária bovina e/ou bubalina; e com base neste embasamento teórico aqui podemos verificar que a juta torna-se um aliado ao processo de sustentabilidade ,pois para os seus plantios não é necessário a derrubada de árvores e seus produtos fabricados através de fibras são ecologicamente viáveis a conservação de qualidade à outros alimentos dentro de sacarias.

Em 1960, o Brasil passou a ser o terceiro maior produtor mundial de juta, a partir de sua produção da fibra que representava 34% do Produto Interno Bruto (PIB) do Estado do Amazonas. Em função da alta demanda de fibra, as sementes passaram a ser produzidas também em Santarém (HOMMA,1998).

A cadeia produtiva da juta constitui um objeto de estudo relevante dentro da discussão sobre desenvolvimento regional, economia da floresta e sociobiodiversidade, pois envolve uma série de processos econômicos, sociais e ambientais interligados, desde o cultivo tradicional realizado por populações ribeirinhas até o beneficiamento e comercialização da fibra. Esse sistema produtivo é fundamental para a geração de renda local, preservação de saberes tradicionais e valorização dos recursos naturais da Amazônia; além disso, destaca-se como alternativa sustentável frente aos modelos extrativistas predatórios, alinhando-se às políticas públicas de promoção da bioeconomia e da inclusão social no contexto amazônico (SILVA, 2019; SOUZA; LIMA, 2020).

No Amazonas, apesar de sua importância histórica representando cerca de um terço do PIB estadual nas décadas de 1960/70, a produção enfrenta desafios estruturais, como baixa tecnificação, escassez de sementes e infraestrutura precária (Benchimol, 1966). Estudos comparativos com a Índia evidenciam que programas robustos, como o *Ministry of Textiles* podem impulsionar a agroindústria da juta por meio de financiamento, planejamento estatal e suporte tecnológico, oferecendo um modelo para revitalizar o setor na Amazônia (FERREIRA; HOMMA; BERGAMASCO, 2019).

Além disso, políticas direcionadas à bioeconomia apontam a necessidade de integração entre infraestrutura, inovação, encadeamento produtivo e valorização do conhecimento tradicional das comunidades ribeirinhas, como premissa para o desenvolvimento sustentável regional (SANTOS, 2024).

A cadeia produtiva da juta no município de Alenquer apresenta uma significativa relevância histórica e social, especialmente no que se refere à inclusão de populações ribeirinhas no contexto econômico local. Durante décadas, essa atividade estruturou práticas de trabalho coletivo, fomentando a valorização do conhecimento tradicional e promovendo a sustentabilidade sociocultural da região. Segundo Santos (2010), a juta foi um dos principais vetores econômicos do município, proporcionando a inserção de famílias ribeirinhas no circuito produtivo. A autora ressalta que o conhecimento empírico, transmitido de geração em geração, foi essencial para a continuidade do cultivo da juta nas várzeas amazônicas, mesmo diante das transformações estruturais e econômicas ocorridas no território. A persistência dessa atividade, sustentada por saberes populares e pelas condições ambientais favoráveis, evidencia a importância de políticas públicas que reconheçam

o papel da sociobiodiversidade como eixo central para o desenvolvimento sustentável em contextos amazônicos.

Ferreira (2016) complementa que a queda na produção de juta está relacionada à ausência de investimentos públicos e à crescente competitividade das fibras sintéticas. Em resposta a esse cenário, políticas públicas voltadas à bioeconomia, como apontado pelo Ministério da Agricultura (BRASIL, 2021), vem buscando resgatar o valor econômico e ecológico de produtos amazônicos tradicionais, entre eles a juta. Assim, compreender os desafios e potencialidades dessa cadeia é essencial para pensar modelos sustentáveis de gestão e desenvolvimento local.

3.2 A trajetória da Juta nos municípios no Baixo Amazonas Paraense: desafios e perspectiva

Ignacy Sachs (2009) propõe uma abordagem de desenvolvimento sustentável que integra processo econômico, equidade social e preservação ambiental. A cadeia da juta ao ser revitalizada, pode cumprir esse tripé ao gerar renda, fortalecer a agricultura familiar e reduzir o impacto ambiental por meio do uso de fibras naturais em substituição a materiais sintéticos.

O sistema econômico local era marcado por relações de aviamento e adiantamento de crédito, características comuns na Amazônia. Comerciantes locais compravam mercadorias em cidades maiores, como Santarém e Belém, e as vendiam para trabalhadores rurais, que pagavam com produtos da terra, como a juta posteriormente, mas antes disso com outros itens do extrativismo e da agricultura. O crédito e o endividamento eram mecanismos importantes para garantir o fluxo de mercadorias e a produção, criando uma rede de dependência entre produtores, comerciantes e casas de crédito.

A produção agrícola era voltada para produtos alimentares como mandioca (base da farinha), além de culturas como algodão e fumo. No entanto, essas culturas enfrentam limitações de atratividade e desafios ambientais, como as enchentes anuais do rio Amazonas, que afetam a produção nas várzeas e condicionam a oferta de alimentos e matérias-primas.

Entretanto a juta começou a mudar esse cenário no final da década de 1930, quando inicialmente foi trazida por imigrantes japoneses e rapidamente se espalhou pelas várzeas da região, transformando -se em uma das principais atividades econômicas do município e posteriormente o seu cultivo de qualidade

trouxe uma nova dinâmica produtiva, atrativa e diversificada para o fortalecimento do mercado por meio da sustentabilidade para preservar a floresta Amazônica, é essencial investir em reflorestamento, em tecnologias que reduzam o impacto ambiental e em alternativas de produção que respeitem o ecossistema.

Pesando nisso foi de grande relevância a chegada da juta na região porquê de uma alguma forma surgiu interesses, baseado na implementação de políticas públicas eficazes em prol do combate ao desmatamento ilegal e a promoção de atividades que valorizam a floresta em pé, com ênfase relativas de suas comunidades ribeirinhas que abrangem em sua diversidade o estado do Pará, destacando Alenquer como pioneira em terra aptas para o desenvolvimento produtivo da semente e fibra dessa rica cultura, que rapidamente se adaptou aos climas desta região rica em biodiversidade sociocultural e ambiental que apresenta constantes transformações, modificando a visão estratégica para uma geração assegurada de aspectos dos interesses governamentais da época para atrair maior recurso financeiro para suas terras e garantir o domínio de seus interesses baseado no levantamento presente no quadro 01 abaixo, temos que Santos et al. (2020) discutiram o ambiente institucional da produção de juta no Pará (1940-1990), destacando os seguintes pontos:

Quadro 1: Transformações na cadeia produtiva da juta no Pará (1940-1990)

Transformações
1. A juta passou a ser utilizada como moeda de troca, facilitando o acesso dos produtores aos bens de consumo. 2. Houve o crescimento da circulação de crédito ,com bancos e casas comerciais financiando a produção e o escoamento da fibra 3. Foi criada uma cadeia produtiva que envolvia desde o plantio e beneficiamento local até a exportação para grandes centros como Belém e Manaus. 4. Isso proporcionou maior autonomia aos pequenos produtores , que puderam escolher a quem vender sua produção , mesmo em presença de atravessadores e patrões.

Fonte: Adaptado da obra de Truzzi(1997).

O estudo mostra como os arranjos institucionais de crédito, moeda informal e cadeia estruturada, colaboraram para dinamizar a produção de juta em Santarém e região, até que limitações tecnológicas e escassez de investimentos

levaram ao declínio. A produção de juta foi decisiva para o desenvolvimento econômico de Alenquer, permitindo que a cidade figurasse como importante fornecedora de fibras para o mercado interno e externo. O sucesso da juticultura foi fortalecido pela implantação de campos de produção de sementes no município, o que garantiu oferta regular e contribuiu para a expansão da atividade, este ciclo também impactou outras culturas, como a malva, que passou a ser cultivada em áreas de terra firme, diversificando a base produtiva local.

Diversos autores destacam a relevância histórica, econômica e social da cultura da juta no município de Alenquer, no estado do Pará. Segundo Silva (2018), a introdução da juta na região contribuiu significativamente para o desenvolvimento das comunidades ribeirinhas, promovendo emprego e renda por meio da agricultura familiar. Oliveira e Santos (2020) reforçam que a juta representou, durante décadas, uma das principais fontes de movimentação econômica local, sendo cultivada especialmente para pequenos produtores.

De acordo com Costa (2021), o sucesso da produção de juta em Alenquer está associado à adaptação das sementes às características edafoclimáticas da região e ao conhecimento técnico acumulado pelos agricultores ao longo dos anos. A autora ressalta ainda a importância das políticas públicas de incentivo à produção, que foram fundamentais para a consolidação dessa atividade.

Já Mendes et al. (2022) discutem os obstáculos enfrentados pelo setor, como a competitividade das fibras sintéticas e a imperiosa necessidade de modernização ecológica nas etapas de cultivo, beneficiamento e comercialização da fibra dos processos produtivos. Os autores destacam que a ausência de investimentos em infraestrutura e capacitação técnica que impacta diretamente na competitividade do produto paraense no mercado nacional e internacional; entretanto não obstante, conscientemente os autores reconhecem a importância da juta como um elemento de identidade cultural e sustentabilidade socioeconômica.

A análise desses estudos permite compreender como a juta não apenas estruturou parte da economia local, mas também favoreceu a inclusão social e o fortalecimento das comunidades rurais, destacando-se como tema relevante para pesquisas interdisciplinares envolvendo história, economia e meio ambiente. Isso ressalta a necessidade de estudos atualizados que explorem novas possibilidades de organização produtiva e valorização do conhecimento local.

Nesse contexto, políticas públicas voltadas à bioeconomia e ao fortalecimento da agricultura familiar sustentável, como aqueles propostos pelo Ministério da Agricultura (MAPA, 2023), representam caminhos estratégicos para o resgate e fortalecimento da cadeia da juta. Essas iniciativas devem contemplar desde a assistência técnica, passando pelo crédito rural acessível, até incentivos à pesquisa para melhoria genética da planta e desenvolvimento de novos produtos à base da fibra.

Conforme Barros (2020) é fundamental investir em educação ambiental voltada a comunidades ribeirinhas, pois ela fortalece a consciência ecológica e promove práticas sustentáveis. Além disso, é necessário a valorização do saber tradicional dos ribeirinhos, reconhecendo o papel histórico de seus conhecimentos que são construídos a partir de uma convivência direta e respeitosa com a natureza.

Dessa forma, reconhecer o papel dessas comunidades na proteção da Amazônia não é apenas um ato de justiça, mas uma estratégia essencial para a conservação do meio ambiente. Em continuidade a essa reflexão, Barros (2020) aponta que o fortalecimento da cadeia produtiva da juta pode atuar como uma importante ferramenta de desenvolvimento sustentável. Mas o que isso significa, na prática? Significa que, ao incentivar a produção e o beneficiamento da juta, uma fibra natural cultivada por muitas famílias ribeirinhas, é possível integrar geração de renda, preservação ambiental e justiça social.

Isso ocorre porque a juta é uma matéria-prima renovável, cujo cultivo exige práticas que respeitam o ciclo da natureza, ao mesmo tempo em que garante sustento digno a diversas comunidades. Dessa forma, promover essa cadeia produtiva representa mais do que crescimento econômico: trata-se de reconhecer e apoiar modos de vida que aliam trabalho, tradição e cuidado com o meio ambiente.

Nesse contexto, investir na cadeia da juta não se limita ao aspecto econômico, mas envolve também o reconhecimento das práticas sustentáveis que fazem parte da vida dos produtores ribeirinhos. Muitas dessas famílias utilizam técnicas tradicionais no cultivo, que respeitam o tempo da natureza e preservam os recursos do solo e da água.

Além disso, a organização coletiva dessas comunidades por meio de cooperativas e associações fortalece a autonomia local e promove a inclusão social. Assim, ao valorizar a juta, o poder público e a sociedade como um todo estão

também valorizando modos de vida que mantêm viva a cultura amazônica e contribuem diretamente para a conservação do bioma.

Conforme Frazão et al (1980) em estudo da Embrapa -CPATU, p. 21 o sistema de consorciação de juta e milho desenvolvido e aplicado no município de Alenquer, tem se mostrado uma alternativa eficiente para o uso otimizado da área agrícola, contribuindo para o aumento da produtividade. Esse estudo serve como base metodológica para apresentar dados técnicos e científicos que orientam a análise da consolidação agrícola na região de Alenquer.

Mas o que torna essa consolidação tão eficaz? Segundo os autores, a chave está na adoção de espaçamentos específicos, na definição coordenada das datas de semeadura e na implementação de um manejo integrado entre as culturas. Esses fatores, quando bem planejados, permitem que juta e milho coexistem de forma equilibrada, aproveitando os recursos disponíveis de maneira complementar e reduzindo a competição entre as espécies.

Com base em uma abordagem qualitativa e fundamentada na revisão bibliográfica, os dados apresentados por Frazão et al. (1980, p. 21) auxiliam na compreensão dos impactos da consorciação entre culturas como juta e milho no contexto agrícola do município de Alenquer, considerando fatores agrônômicos, produtivos e sociais. Essa fundamentação metodológica oferece uma base sólida para a análise da cadeia produtiva da juta sob uma perspectiva interdisciplinar, voltada para o desenvolvimento sustentável e a inclusão social. E torna-se um gargalo importante que buscar entender: por que essa cultura merece atenção especial? A partir dos estudos analisados, observa-se que a juta não apenas estruturou parte da economia local, como também contribuiu de forma significativa para a inclusão social e o fortalecimento das comunidades rurais. Essa contribuição não se limita ao aspecto econômico, mas se estende às dimensões sociais e ambientais, revelando a importância da juta como objeto de estudos interdisciplinares que envolvem história, economia e meio ambiente.

Diante disso, evidencia-se a necessidade de investigações atualizadas que explorem novas possibilidades de organização produtiva e valorização do conhecimento tradicional, contribuindo para práticas agrícolas mais justas, sustentáveis e inclusivas. Conforme Frazão et al. (1980), o sistema de consolidação de juta e milho em Alenquer “permite aproveitamento otimizado da área e melhora da produtividade, com espaçamentos específicos, datas de semeadura coordenadas

e manejo integrado das culturas”. Entretanto o solo manifesta suas necessidades de cuidados para garantir a qualidade de seus produtos, gerados através da fibra de juta e torna-se um produto valorizado por não favorecer aos desmatamento florestal ,fazendo o aproveitamento de períodos das enchentes e vazantes dos rios que fazem parte da Amazônia brasileira que tem a maior ocupação de matas verdes e bacia hidrográfica do mundo.

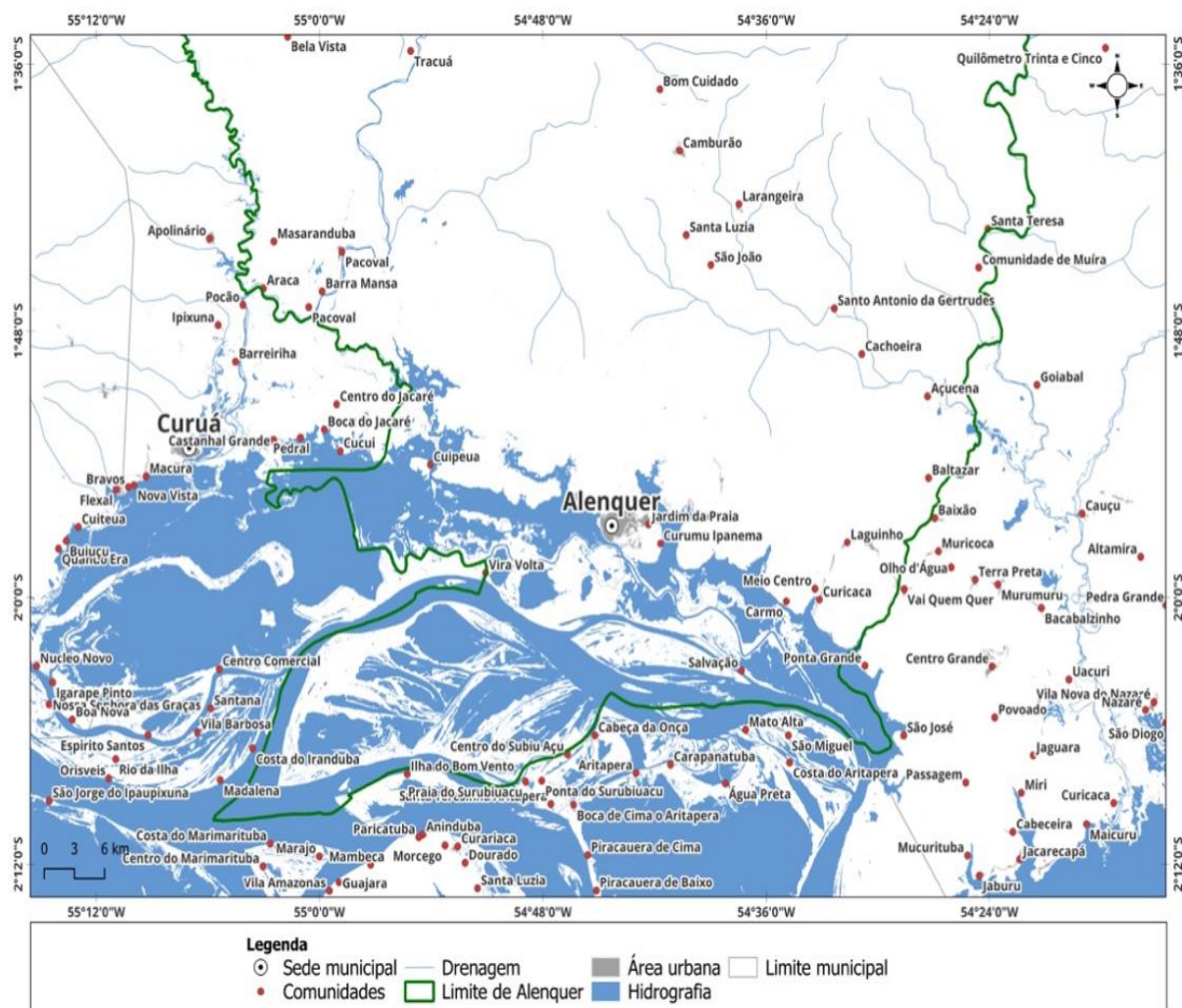
Nos últimos anos, iniciativas como o projeto desenvolvido pela Emater (2019) vêm promovendo o resgate da cultura da juta no município, envolvendo comunidades ribeirinhas em atividades de produção sustentável com apoio técnico. Essa ação destaca a importância de políticas de incentivo à retomada produtiva baseada em saberes locais. Além disso, estudos históricos indicam que a juta desempenhou papel central no desenvolvimento econômico da região amazônica entre as décadas de 1940 e 1970, especialmente em municípios como Alenquer e Óbidos (HOMMA,1995). Contudo, o declínio da atividade mostrou a vulnerabilidade da cadeia produtiva frente à falta de políticas públicas adequadas. Nesse sentido, pesquisas como a de Araújo (2012) evidenciam que a ausência de apoio técnico contínuo e de estímulo à organização dos produtores limitou o potencial sustentável da atividade.

4 METODOLOGIA

4.1 Caracterizando o local da pesquisa

A pesquisa foi realizada com foco no município de Alenquer, que possui uma população estimada em cerca de 60 mil habitantes, segundo o IBGE (2022) (figura 01), é conhecido por sua rica diversidade natural, marcada por rios, igarapés, florestas e serras, o que lhe rendeu o apelido de "Princesa do Oeste Paraense". Essas atividades garantiam certa prosperidade à região, com Alenquer figurando entre as cidades mais promissoras do Pará, chegando a abastecer parte significativa da economia local e regional, especialmente por meio de suas produções agrícolas, extrativistas e pesqueiras, que contribuem de forma relevante para o desenvolvimento socioeconômico da região.

Figura 1: Mapa do município de Alenquer



Fonte: SOUSA, 2025

A dinâmica econômica do município de Alenquer, localizado na mesorregião do Baixo Amazonas, passou por diversas transformações ao longo de sua história. No período colonial e pós-colonial, a base da economia local estava fundamentada em atividades extrativistas e na agricultura de subsistência. Produtos como castanha-do-pará, andiroba, breu-branco, cumaru, peixe salgado, além da borracha e da balata, integravam o cotidiano produtivo das comunidades ribeirinhas, compondo um sistema baseado na exploração dos recursos naturais da floresta (Cunha, 2004; Ferreira, 2016).

A castanha-do-Pará (*Bertholletia excelsa*), nativa da floresta amazônica, desempenhou um papel significativo na economia tradicional do município de Alenquer, especialmente durante os ciclos extrativistas que marcaram o século XX. Inserida em um contexto de aproveitamento sustentável dos recursos florestais, sua

coleta foi historicamente realizada por populações ribeirinhas e comunidades tradicionais que desenvolveram um conhecimento empírico sobre os períodos de safra, manejo dos castanhais e rotas de escoamento.

Desde o período da borracha, a castanha representava uma alternativa econômica durante as safras, sendo coletada entre os meses de dezembro e março, quando os rios estão mais cheios e facilitam o transporte. A partir da década de 1940, com o estímulo governamental à produção extrativa e à exportação de produtos da floresta, a castanha ganhou maior expressão como produto comercializável, sendo vendida para centros urbanos e, posteriormente, para mercados internacionais (HOMMA, 2012).

Em Alenquer, a extração da castanha-do-Pará esteve concentrada nas várzeas e em áreas de floresta densa, onde os castanhais nativos ainda se mantêm preservados, sobretudo em territórios manejados por comunidades agro-extrativistas (MARTINS; BARROS 2020). Apesar de sua relevância para a subsistência local, a cadeia de valor do produto enfrentou dificuldades decorrentes da desestruturação logística, da carência de políticas públicas permanentes e da competição com outras fontes de renda, fatores que contribuíram para a diminuição de sua importância regional nas últimas décadas. Ainda assim, essa prática tradicional permanece como símbolo da interação equilibrada entre as populações amazônicas e o meio ambiente, apresentando um potencial renovado no contexto da bioeconomia e das estratégias de desenvolvimento sustentável na Amazônia (ALMEIDA; PINTO, 2018).

Em continuidade a essa diversificação de cadeias extrativistas presentes na região temos também a andiroba.

A exploração da andiroba (*Carapa guianensis*) em Alenquer remonta aos antigos saberes das populações ribeirinhas e indígenas, que tradicionalmente utilizavam o óleo extraído de suas sementes para fins medicinais, repelentes e cosméticos, bem como para iluminação e tratamento de feridas (SANTOS; ALMEIDA, 2018). Ao longo do século XX, com o avanço das atividades extrativas na Amazônia, a espécie passou a ser incorporada aos circuitos comerciais da região, especialmente por meio de pequenas cadeias produtivas baseadas no extrativismo vegetal não madeireiro (HOMMA, 2012).

No contexto de Alenquer, sua obtenção esteve vinculada a práticas ancestrais de manejo nas florestas de várzea e terra firme, configurando-se como

uma alternativa de geração de renda complementar à coleta da castanha-do-Pará e pesca artesanal (CUNHA; SILVA, 2019). O processo de obtenção do óleo ocorre, geralmente durante o período das enchentes, quando os frutos maduros caem e são recolhidos por famílias extrativistas.

Apesar de seu valor reconhecido na medicina popular e na indústria de fitoterápicos e cosméticos, a cadeia de comercialização da andiroba tem enfrentado desafios estruturais adequados para o processamento, a ausência de infraestrutura para beneficiamento, a descontinuidade de políticas de incentivo e a informalidade das práticas de comercialização e transações econômicas (SANTOS; ALMEIDA, 2018). Ainda assim, seu potencial dentro da bioeconomia amazônica permanece promissor, especialmente quando articulado com iniciativas de desenvolvimento sustentável e valorização dos saberes tradicionais da floresta (CUNHA; SILVA, 2019).

Entretanto para complementar essa relevância histórica antes da chegada da juta em Alenquer é apresentado abaixo as demais culturas extrativistas que contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa.

O extrativismo de espécies florestais como o breu-branco (*Protium heptaphyllum*) (SILVA; MOURÃO, 2017) e o cumaru (*Dipteryx odorata*) (Homma, 2012) representava fontes importantes de renda e trocas locais. O breu-branco, resina aromática utilizada como incenso, material de vedação tradicional e na medicina popular, era coletado em áreas de floresta densa, especialmente por famílias que combinavam essa prática com outras atividades sazonais.

Já o cumaru, valorizado por sua amêndoa perfumada usada na indústria de cosméticos e farmacêuticos, era tradicionalmente colhido e comercializado em feiras regionais ou por atravessadores. Paralelamente, a pesca artesanal, com destaque para o peixe salgado como forma tradicional de conservação, permitia o escoamento do pescado para áreas mais distantes, gerando renda e fortalecendo redes de troca entre comunidades (SANTOS, 2019).

Outra atividade de grande importância foi a extração da borracha, especialmente durante o ciclo ocorrido entre 1870 e 1920, quando os seringais nativos da região foram explorados por migrantes atraídos pelos altos preços do látex (DEAN, 1989). Além dessas práticas, o cultivo da batata-doce e de outras raízes adaptadas ao solo de várzea fazia parte da segurança alimentar e das trocas

entre famílias ribeirinhas, compondo um sistema de subsistência que antecede e influencia a posterior adoção da juta como alternativa econômica (HOMMA, 2012).

Durante o século XIX e início do século XX, o extrativismo vegetal continuou sendo a principal fonte de renda, articulado a uma estrutura comercial sustentada pelo sistema de aviamento, que criava laços de dependência entre produtores e comerciantes locais. As populações rurais tinham acesso a bens de consumo mediante adiantamentos de crédito, sendo obrigadas a quitar seus débitos com a entrega de parte da produção. Essa forma de relação econômica limitava a autonomia dos pequenos produtores e restringia sua inserção em mercados mais amplos (SILVA, 2018).

A produção agrícola, por sua vez, estava centrada em cultivo como mandioca, milho, fumo e algodão, com forte orientação para o auto consumo. A pesca artesanal e a criação de pequenos animais complementam a renda familiar, compondo um modelo de economia baseado em ciclos naturais, como as cheias e vazantes dos rios um fenômeno natural da região norte que condicionaram o plantio, a colheita e a circulação de mercadorias (OLIVEIRA; SANTOS, 2020).

A introdução da juta em Alenquer, ocorrida a partir da década de 1930 com a chegada de imigrantes japoneses, contribuiu para a inserção do município nas cadeias produtivas regionais e nacionais. Com o crescimento dessa atividade, a produção da juta tornou-se uma importante fonte econômica para as populações ribeirinhas, sendo utilizada principalmente na fabricação de sacarias para o setor agrícola. Essa cultura provocou profundas mudanças na estrutura produtiva local, incentivando o surgimento de formas organizadas de trabalho, ampliando as oportunidades de emprego e fortalecendo a agricultura familiar.

Além disso, a criação de campos destinados à produção de sementes e o processamento local da juta contribuíram para consolidar essa atividade como um dos pilares do desenvolvimento econômico regional. Essa estrutura fortaleceu o ciclo produtivo da fibra, garantindo maior autonomia aos produtores e estimulando a economia local (HOMMA, 1995; COSTA, 2021).

A criação de campos para produzir sementes e o processamento da juta no próprio município ajudaram a tornar essa fibra um dos principais sustentos da economia local entre os anos de 1960 e 1980. No entanto, com a chegada das fibras sintéticas e a ausência de apoio governamental, a produção foi diminuindo, o que mostrou como era frágil depender apenas de uma atividade econômica. Essa

situação evidenciou a importância de buscar alternativas para diversificar a economia e fortalecer o desenvolvimento local de forma mais sustentável (MENDES et al., 2022).

4.2 Processos Metodológicos

Esse estudo adotou uma análise qualitativa permitindo compreender as narrativas e percepções dos diferentes atores envolvidos com a cadeia produtiva da juta, contribuindo para a formulação de recomendações práticas que possam subsidiar políticas públicas, ações institucionais e estratégicas comunitárias de valorização da cultura local (BARDIN, 2016).

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2008, p. 44), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos”. Entretanto, esta modalidade de pesquisa permite compreender o tema de forma aprofundada, utilizando conhecimentos já consolidados para fundamental análise crítica proposta.

O levantamento teórico foi realizado por meio de buscas sistematizadas em bases acadêmicas como *Google Acadêmico*, além de documentos institucionais, publicações governamentais e jornais locais que tratam sobre a produção da juta na região do Baixo Amazonas, com destaque para o município de Alenquer, assim como serão consultadas dissertações e teses que abordam a cadeia produtiva da juta, sustentabilidade e desenvolvimento regional.

A coleta dos materiais seguiu critérios de relevância, atualidade e adequação ao tema, sendo priorizados autores que analisam a juta sob perspectivas históricas, econômicas, sociais e ambientais de inclusão e seleção dos trabalhos foi baseado no tempo de publicação dos últimos 10 anos (2015-2025). Como recomenda Lakatos e Marconi (2003), foi feito o fichamento dos textos para organizar as informações extraídas das obras consultadas, facilitando a análise e discussão dos dados conforme quadro 2. (ver quadro 02).

Quadro 2: Protocolo de Pesquisa para seleção dos documentos para análise.

Etapa	Ação	Características
I – Critérios para a busca de artigos	1.1 Escolha da base de dados	Google Acadêmico
	1.2 Definição das palavras-	"Juta no Brasil" e "Juta em Alenquer"

	chave para busca	
	1.3 Definição da cobertura temporal	2014 - 2024
II – Busca e seleção de artigos	2.1 Levantamento e organização dos artigos	Pesquisas sobre plantio e produção da Juta em Alenquer e no Brasil
	2.2 Leitura de títulos e resumos	
	2.3 Seleção de artigos dentro do escopo desta pesquisa	
III – Leitura e organização dos dados	3.1 Leitura dos artigos na íntegra	
	3.2 Sistematização de informações convergentes entre os artigos	20 artigos
	3.3 Análise dos dados e organização dos resultados	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Esta pesquisa utilizou a pesquisa bibliográfica como principal procedimento metodológico, conforme delineado por Gil (2008), que a define como um estudo desenvolvido a partir de material já elaborado, composto principalmente por livros, artigos científicos e documentos técnico-institucionais. A análise dos dados foi realizada com base em fichamento temático e organização em categorias analíticas, conforme a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Foram definidas três categorias principais: Histórico-produtiva, socioeconômica e Ambiental, permitindo a construção de um panorama interpretativo da cadeia da juta em Alenquer.

Segundo Lakatos e Marconi (2010), a análise qualitativa em pesquisas bibliográficas permite refletir criticamente sobre o objeto de estudo e identificar lacunas, desafios e potencialidades. Assim, os dados levantados fornecerão subsídios teóricos para a compreensão da evolução histórica e das perspectivas de desenvolvimento sustentável da juta no contexto regional.

A análise dos dados obtidos foi qualitativa e descritiva, com base na análise de conteúdo, método indicado para interpretar dados textuais e identificar categorias temáticas emergentes (BARDIN, 2016). Serão sistematizadas informações que revelem a trajetória da juta em Alenquer, seus impactos

socioeconômicos e suas possibilidades de retomada como alternativa sustentável no contexto atual. Com isso, espera-se construir um panorama fundamental do que articule os dados históricos com os princípios da Administração voltados à sustentabilidade, à inovação e ao planejamento territorial.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Análise dos artigos selecionados

A análise das referências coletadas sobre a cadeia produtiva da juta em Alenquer e na Amazônia evidencia um movimento recente de retomada dessa cultura tradicional, articulando dimensões históricas, socioeconômicas, tecnológicas e institucionais. Neste eixo farei a abordagem dos principais artigos abordados para realização desta pesquisa que venho desenvolvendo com os autores que estão presentes ao decorrer deste trabalho e foram fundamentais para a consolidação dessa pesquisa, trazendo informações sobre a juta em Alenquer e na Amazônia.

No caso específico de Alenquer, Oliveira et al. (2020) apontam que a sustentabilidade da produção familiar de juta começou a ganhar força a partir de 2018, impulsionada por políticas públicas, assistência técnica e maior integração entre produtores e órgãos de apoio, como a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (EMATER) e a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (SEMEDE). A reativação da produção envolveu investimentos em sementes, incentivos financeiros como o pagamento de R\$ 25,00/kg e uso de tecnologias de gestão, incluindo aplicativos para controle da produção (SEMEDE, 2022).

Diante disso os dados institucionais reforçam a importância do avanço dessa retomada. Relatórios da EMATER Pará (2020; 2024) mostram que entre 2017 e 2020 houve colheita de 55 toneladas, envolvendo 38 famílias e 19 hectares, com renda média de R\$ 4.000,00 por família e duas safras anuais. Além disso, a ampliação do crédito rural via Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), voltada para assentados, tem fortalecido a cadeia local, permitindo maior autonomia produtiva. Reportagens como a da Agência Pará (2019) e da Textile Industry (2019) destacam que projetos pilotos geraram 30 toneladas em 2019, com previsão de 300 toneladas em 2020, indicando potencial de expansão e replicação do modelo.

A análise de Gusmão e Alcântara (2022) evidência que a agricultura familiar em Alenquer, contexto no qual a juta está inserida, enfrenta desafios

estruturais, como a baixa escolaridade dos produtores e as dificuldades logísticas e de escoamento da produção e esses fatores repercutem diretamente na cadeia da juta, limitando a adoção de práticas mais eficientes de cultivo e a inserção competitiva no mercado regional. Contudo, os autores destacam a feira municipal como espaço estratégico de valorização das cadeias produtivas locais.

Nesse sentido, a feira pode desempenhar papel relevante não apenas na comercialização da fibra e seus derivados, mas também na promoção de sua identidade cultural e no fortalecimento da bioeconomia local. Toda via como aponta Nascimento Jr.(2014), o abandono da cultura da juta está relacionado a entraves mais profundos, como a ausência de políticas públicas consistentes, o que indica que a feira, embora relevante, não é suficiente para reverter esse quadro sem apoio institucional mais robusto.

No âmbito mais amplo da Amazônia, pesquisas revelam tanto a riqueza histórica quanto as potencialidades e fragilidades dessa cadeia. Nascimento Jr. (2014) e Ferreira (2016) resgatam a trajetória da juta desde sua introdução nas várzeas amazônicas na década de 1930, destacando períodos de grande produção – como as décadas de 1960 e 1970 – e posterior declínio devido ao fechamento de indústrias têxteis e à falta de políticas integradas. Estudos recentes, como o de Costa Filho (2024) e Silva (2022), mostram avanços na aplicação da fibra de juta em biocompósitos e reforços de resina epóxi, apontando oportunidades para a bioeconomia regional por meio da diversificação de usos industriais.

Os dados comparativos entre Brasil e Índia, apresentados por Ferreira et al. (2019) e Ferreira e Homma (2019), evidenciam que a sustentabilidade da cadeia produtiva da juta depende diretamente da presença de políticas industriais consistentes, associadas a incentivos à pesquisa e à inovação tecnológica. No caso indiano, a intervenção estatal e o investimento contínuo em modernização garantiram a manutenção da competitividade da juta no mercado global, mesmo diante da concorrência de fibras sintéticas. Em contrapartida, no Brasil, a ausência de políticas de longo prazo e a descontinuidade de programas de apoio resultaram no declínio da produção amazônica, especialmente nas áreas de várzea.

Para o contexto de Alenquer, essa comparação revela que o futuro da cultura da juta está condicionado à capacidade de articular ações governamentais, institucionais e comunitárias que promovam não apenas melhorias no cultivo e na logística, mas também a inserção em cadeias produtivas sustentáveis ligadas à

bioeconomia. Assim, os resultados reforçam a necessidade de repensar o papel do Estado e de estimular parcerias público-privadas que permitam transformar a juta em vetor de desenvolvimento econômico e social, sem repetir os erros de abandono que marcaram o histórico da cultura no Brasil.

Dessa forma, os resultados evidenciam que a retomada da cultura da juta em Alenquer está diretamente associada à combinação de resgate histórico, apoio institucional, inovação tecnológica e inserção em mercados diferenciados. Contudo, persistem desafios ligados à logística, à organização dos produtores e à necessidade de políticas públicas permanentes. A experiência indiana demonstra que, para consolidar essa cadeia de forma sustentável, é necessário um planejamento de longo prazo que integre dimensões produtivas, ambientais e sociais, garantindo estabilidade de preços, acesso a crédito e incentivo à agregação de valor.

5.2 A semente da juta e suas funções

A semente da juta, proveniente das espécies *Corchorus capsularis* e *Corchorus olitorius*, representa o ponto inicial do ciclo produtivo dessa cultura de grande relevância econômica e sociocultural da região amazônica. A escolha adequada da variedade, o preparo correto do solo e o manejo apropriado da semente são etapas essenciais para garantir a qualidade e o rendimento da fibra. Portanto, compreender a importância da semente não é apenas um aspecto técnico, mas também histórico, pois ela simboliza o início de um processo que marcou profundamente a identidade econômica e social das comunidades ribeirinhas de Alenquer.

Você já refletiu sobre a relevância de uma simples semente dentro de um sistema produtivo? No caso da juta, ela constitui a base de uma cadeia que mobiliza famílias, gera empregos e sustenta uma parcela significativa da economia local. As sementes da juta, em geral pequenas, escuras e com alta germinação, são especialmente adaptadas às condições climáticas quentes e úmidas da Amazônia, o que evidencia como os fatores naturais da região favorecem o seu cultivo. (SANTOS et al., 2019).

De acordo com Fagundes (2002), os campos destinados à produção de sementes de juta estão no município de Alenquer, no Estado do Pará. Esse fato é particularmente importante para entendermos como o território amazônico, muitas

vezes associado apenas à floresta e à biodiversidade, também abriga práticas agrícolas organizadas e tecnicamente coordenadas. A produção dessas sementes é conduzida pela Embrapa Amazônia Oriental, e ocorre sob encomenda do Instituto de Fomento à Produção de Fibras Vegetais da Amazônia – Ifibram, que por sua vez distribui as sementes aos envolvidos na produção da fibra. Esse modelo de articulação institucional mostra como políticas públicas e ciência podem caminhar juntas para fortalecer a agricultura familiar e o desenvolvimento regional.

Além disso, o Governo do Estado do Amazonas, por meio do Instituto de Desenvolvimento do Amazonas – Idam, em parceria com empresas privadas, também desempenha papel central nesse processo. É interessante notar que o ciclo de desenvolvimento das fibras varia de cinco a seis meses, com colheitas concentradas entre julho e agosto. A depender do planejamento agrícola e das condições climáticas, a juta pode ser semeada a partir de dezembro, o que reforça a importância do calendário agrícola para o sucesso da lavoura (LIBONATI, 1958 et al., p. 12)

Esses detalhes nos permitem refletir: por que é tão importante conhecer o ciclo de produção da juta? A resposta é simples: entender cada etapa do processo nos ajuda a valorizar o trabalho dos agricultores, a importância da pesquisa científica e o papel do Estado na organização dessa cadeia produtiva. Além disso, conhecer o ciclo das sementes e o ambiente ideal para o seu desenvolvimento abre caminhos para debates sobre sustentabilidade, soberania alimentar e valorização dos saberes locais (SANTOS et al., 2019).

Além da juta, outro cultivo que se destaca na região amazônica é o da malva (*Urena lobata*), planta fibrosa que, assim como a juta, tem função estratégica na produção de fibras naturais. Os campos de sementes de malva também estão localizados no estado do Amazonas, sendo cultivados principalmente por pequenos produtores que vivem em áreas ribeirinhas ou de várzea.

Essas sementes são fundamentais para a continuidade da atividade, pois a malva apresenta características semelhantes à juta: possui bom rendimento por hectare, se adapta bem ao solo amazônico e é uma planta de crescimento rápido. Diferentemente da juta, no entanto a malva possui um ciclo de desenvolvimento um pouco mais curto o que possibilita colheitas entre os meses de maio a junho. Isso significa que, com o devido planejamento, agricultores podem alterar ou combinar os cultivos, aumentando suas possibilidades de renda ao longo do ano.

É importante destacar que os cultivos da malva não só complementam a produção da juta, mas também contribuem para a diversificação da agricultura regional, reduzindo a dependência de uma única cultura e fortalecendo a resiliência econômica das comunidades locais. Isso nos leva a refletir sobre a importância da agricultura sustentável na Amazônia: como garantir produtividade sem comprometer os ecossistemas?

Instituições como o IDAM, EMBRAPA e IBRAM têm incentivado a adoção de práticas agroecológicas, a capacitação de agricultores e o uso consciente dos recursos naturais. Esse trabalho em rede, envolvendo poder público, pesquisa e sociedade civil, é essencial para promover o desenvolvimento sustentável.

Mais do que uma simples semente, tanto a juta quanto a malva representam um modo de vida e simbolizam a sabedoria popular, o conhecimento transmitido entre gerações e a luta pela valorização das economias locais. Ao compreender o ciclo de vida dessas plantas, suas funções e os contextos em que são cultivadas, conseguimos enxergar não apenas o processo final como a fibra, mas todo o processo que torna possível.

Sua principal função é a reprodução da planta, sendo o meio pelo qual o cultivo da juta é mantido e expandido. A partir da semente, desenvolve-se a planta de onde são extraídas as fibras utilizadas na fabricação de sacarias, tapetes, cordas e outros artefatos. Além disso, o uso adequado da semente permite a preservação genética da juta, contribuindo com ações de sustentabilidade e com o resgate de práticas tradicionais nas comunidades produtoras (SILVA; LIMA, 2020).

O manejo correto da semente envolve práticas como a seleção das melhores amostras, o preparo do solo e o plantio em épocas favoráveis, geralmente no início do período chuvoso, entre os meses de dezembro a janeiro. A germinação ocorre entre três e cinco dias após o plantio, especialmente em solos férteis e bem drenados (ROCHA et al., 2021).

Além do aspecto produtivo, a semente da juta tem sido valorizada em ações de ensino, extensão e pesquisa, especialmente por instituições da região Norte, como forma de valorizar o conhecimento tradicional e promover o desenvolvimento sustentável das comunidades ribeirinhas, despertando por sua vez o interesse em fortalecer a cultura de preservação da natureza por meio de benefícios trazidos através de novas descobertas entre relatos históricos de

experiências vivenciadas por seus ancestrais que formaram suas origens e fortalecem suas raízes (figura 02).

A valorização das fibras vegetais amazônicas, como a juta, envolve não apenas aspectos econômicos, mas também sociais e ambientais, sendo fundamentais para o fortalecimento do desenvolvimento regional sustentável. A juta denominada *Corchorus capsularis*, por exemplo, é amplamente cultivada por comunidades ribeirinhas, representando uma importante fonte de renda e manutenção de saberes tradicionais.

A Figura 02 ilustra uma semente de juta, capturada durante trabalho de campo realizado em 2024, evidenciando o contato direto com os processos produtivos e o conhecimento empírico dos agricultores locais

Figura 2: Semente de juta.



Fonte: PONTES, 2024.

Compreender as especificidades das fibras vegetais cultivadas na Amazônia é fundamental para o aprofundamento das discussões sobre sustentabilidade e desenvolvimento regional (ANDRADE, 2017). Nesse sentido, propõe-se a seguir uma análise comparativa entre o cultivo da juta e da malva, duas culturas de grande relevância socioeconômica para as populações ribeirinhas (SILVA; COSTA, 2010).

O Quadro 03 busca apresentar, de forma sistematizada, as principais semelhanças e diferenças entre essas fibras, no que se refere às condições de plantio, ciclo produtivo, manejo e potencial de uso. Essa comparação permitirá ao

leitor visualizar de maneira objetiva os elementos que distinguem e aproximam essas culturas no contexto amazônico (OLIVEIRA, 2019).

A juta e a malva, apesar de apresentarem características botânicas distintas, compartilham uma história de uso tradicional e inserção produtiva nas áreas de várzea da região Norte (SANTOS; MELO, 2021). Ambas são fontes importantes de renda para famílias agricultoras e contribuem para a dinâmica da bio-economia regional (BARBOSA, 2010).

Além disso, as duas culturas apresentam potencial para fortalecimento de cadeias produtivas sustentáveis, uma vez que sua produção está alinhada com práticas de baixo impacto ambiental e geração de trabalho local (GONÇALVES et al., 2022). A retomada do cultivo dessas fibras, acompanhada de políticas públicas e estratégias de mercado justo, pode estimular o desenvolvimento territorial sustentável e o resgate de saberes tradicionais historicamente marginalizados pelas lógicas do agronegócio convencional (TRUZZI, 2016). Assim, compreender essas fibras vai além da análise técnica: trata-se de reconhecer a sua centralidade em projetos de futuro para a Amazônia (COSTA et al., 2018).

Quadro 3: Comparativo Cultivo da Juta e da Malva na Amazônia

Aspecto	Juta (<i>Corchorus spp.</i>)	Malva (<i>Urena lobata</i>)
Espécie	<i>Corchorus capsularis</i> e <i>Corchorus olitorius</i>	<i>Urena lobata</i>
Clima ideal	Quente e úmido (típico da Amazônia)	Quente e úmido (também adaptada à Amazônia)
Solo ideal	Áreas de várzeas e terra firmes, com boa drenagem	Solos leves, férteis e bem drenados
Local de maior cultivo	Pará (Alenquer), Amazonas (Itacoatiara, Manacapuru)	Amazonas (principalmente Manacapuru, Careiro e Iranduba)
Instituições envolvidos	EMBRAPA, IBRAM, IDAM, produtores locais	IDAM, cooperativas e pequenos agricultores
Ciclo de desenvolvimento	5 a 6 meses	4 a 5 meses

Período de plantio	Dezembro a fevereiro	Novembro a janeiro
Período de colheita	Julho a agosto	Maior a junho
	Menor resistência a pragas	Maior resistência e menor exigência de insumos
Sustentabilidade	Exige manejo cuidadoso para evitar esgotamento do solo	Considerada mais resistente e de fácil rotação com outras culturas

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Esse quadro mostra que, apesar das semelhanças quanto ao ambiente ideal de cultivo, a malva se destaca por ter um ciclo um pouco mais curto e maior resistência a pragas, sendo uma opção interessante para diversificação agrícola. Já a juta, por seu alto valor comercial, continua sendo a principal fibra cultivada, especialmente em Alenquer (PA), onde a tradição jutaeira ainda é preservada.

5.3 Modo de Vida e Economia Local antes da Introdução da Juta

Antes da introdução da juta como alternativa econômica no município de Alenquer, o modo de vida das comunidades ribeirinhas e rurais estava fortemente vinculado a práticas agrícolas tradicionais e ao manejo de culturas adaptadas ao solo e ao regime hídrico da região amazônica. Entre os cultivos mais relevantes destacavam-se o feijão, o arroz e o milho, cuja produção era voltada principalmente para o autoconsumo e para a realização de pequenas trocas entre vizinhos ou em feiras locais (CAVALCANTI; BURSZTYN, 2008).

Essas culturas alimentares eram complementadas pelo algodão, que teve importância regional nas décadas iniciais do século XX, sendo cultivado em roçados familiares para confecção de tecidos e utensílios domésticos (HOMMA, 2012). O cacau, por sua vez, começou a ser cultivado de forma dispersa em áreas de terra firme e várzea, com destaque para sua comercialização informal em centros regionais, constituindo uma fonte complementar de renda (GOMES; RIBEIRO, 2011). Além disso, outras práticas agrícolas, como o cultivo de mandioca, banana, batata-doce e abóbora, eram essenciais para a segurança alimentar das famílias ribeirinhas e representavam uma forma de organização produtiva baseada no poli cultivo e na sustentabilidade (MENEZES, 2017). Essas atividades formavam uma

base econômica autônoma, marcada pela diversidade produtiva, pela transmissão de saberes tradicionais e pela integração entre o uso da terra, os ciclos das águas e a cultura local.

A base da economia local era o extrativismo, com destaque para a coleta da castanha-do-pará, da borracha, do breu-branco, da andiroba e de outros produtos florestais não madeireiros. A pesca artesanal também era uma das principais atividades de sustento, junto à produção de farinha de mandioca (alimento central na dieta amazônica) e ao cultivo do milho, feijão, fumo e frutas nativas, todos voltados principalmente ao consumo familiar e à troca nas feiras regionais (OLIVEIRA et al., 2020).

Antes do auge do ciclo da juta, o município de Alenquer, localizado na região oeste do Pará, já possuía uma dinâmica social e econômica marcada por relações complexas entre comerciantes e produtores locais. Grande parte das trocas comerciais era mediada pelo sistema de aviamento, apresentando um modelo em que os comerciantes adiantavam produtos, ferramentas ou até mesmo alimentos aos trabalhadores em troca de parte de sua produção futura.

Esse sistema, embora essencial para a sobrevivência de muitos produtores, criava laços de dependência e controle, influenciando diretamente a organização do trabalho e o acesso aos meios de produção. Essa prática, como observam Silva (2018) e Cunha (2004), foi amplamente difundida em várias regiões da Amazônia durante os períodos colonial e pós-colonial, moldando relações de poder e estruturas sociais que, em muitos aspectos, ainda repercutem no presente.

Com o passar das décadas, Alenquer passou a experimentar mudanças significativas impulsionadas por transformações no cenário econômico regional. Contudo, para além das relações econômicas, Alenquer se destaca como uma terra fétil e preservadora da importante agricultura familiar, além de apresentar o extrativismo presentes em diversos contextos da Amazônia.

Uma dessas mudanças foi marcada pela introdução e expansão do cultivo da juta, uma fibra vegetal amplamente utilizada na indústria têxtil. A partir da metade do século XX, o plantio da juta ganhou força em diversos municípios da região amazônica, inclusive em Alenquer, incentivado por políticas públicas e pela crescente demanda no mercado nacional.

A chegada da juta representou não apenas uma nova oportunidade de renda para muitos agricultores locais, mas também uma reconfiguração das formas

de trabalho e da própria estrutura social. Pequenos produtores passaram a integrar cadeias produtivas mais amplas, muitas vezes subordinados a intermediários e comerciantes que mantinham práticas semelhantes ao antigo sistema de aviação, agora adaptado ao novo contexto da fibra.

Assim, conhecer Alenquer é entender que sua história não pode ser contada apenas pelos ciclos econômicos ou pelos produtos que movimentaram seu comércio. A juta, sem dúvida, deixou marcas e algumas de prosperidade, outras de desigualdade. Mas a verdadeira riqueza do município está em seu povo, que resiste, reinventa-se e celebra sua cultura em cada canto da cidade e da zona rural.

A introdução da juta nesse contexto implicou transformações significativas na organização produtiva local. A cultura foi inserida como alternativa econômica à crise da borracha e logo se consolidou como uma atividade agrícola promissora para famílias ribeirinhas. Estudos indicam que, desde as décadas de 1970 e 1980, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) já promovia o consórcio entre juta e culturas alimentares, como milho e feijão, com o objetivo de garantir segurança alimentar e rentabilidade às pequenas propriedades (FRAZÃO et al., 1980).

Recentemente, observa-se um movimento de retomada dessa cultura, com destaque para iniciativas de sustentabilidade promovidas por instituições como a Emater-Pará. Em 2020, por exemplo, o município de Alenquer produziu cerca de 55 toneladas de fibra de juta, mobilizando aproximadamente 38 famílias agricultoras em áreas ribeirinhas, esses dados apontam para um resgate da cultura produtiva tradicional associado a novos arranjos econômicos sustentáveis, fortalecendo a agricultura familiar e promovendo o desenvolvimento regional (AGÊNCIA PARÁ, 2020; OLIVEIRA et al., 2020).

Com base nas leituras e nas observações feitas durante a pesquisa, foi possível entender como a juta teve um papel importante na história, na economia e na vida social do município de Alenquer-PA, que entre os anos 1940 e 1980, o cultivo consolidou-se como uma das principais formas de trabalho da região, envolvendo diretamente inúmeras famílias ribeirinhas.

Essa atividade não apenas gerava renda e ocupação, mas também moldava o cotidiano das comunidades, que organizavam suas rotinas em torno do ciclo produtivo da juta, desde o preparo do solo, a semeadura, os tratos culturais, até a colheita, processamento e o transporte da fibra. Como destaca Santos (2010), a

participação comunitária era intensa em todas as etapas da produção, revelando um sistema produtivo baseado na cooperação e no conhecimento empírico passado entre gerações. Além disso, o cultivo da juta promovia relações sociais e econômicas sobre o extrativismo e da agricultura tradicional, refletindo a adaptação da população local às condições ambientais e aos recursos naturais disponíveis.

6 RESGATE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA CIDADE DE ALENQUER

6.1 Alenquer: Entre rios, memórias e tradições e o nascimento de um povo amazônico

Uma cidade nascida às margens de um rio caudaloso, cercada por floresta densa, onde os primeiros passos da história foram dados com os pés descalços sobre a terra úmida da Amazônia. Assim começa a história de Alenquer, um dos municípios mais antigos do oeste paraense, cuja trajetória está entrelaçada com os ciclos da colonização, da fé, da resistência e da cultura popular.

Fundada oficialmente em 1758, com o nome de Missão de Santo Antônio de Alenquer, a cidade tem suas origens ligadas à presença dos missionários religiosos, especialmente os franciscanos, que buscavam catequizar os povos indígenas da região. O local escolhido foi às margens do imponente rio Surubiú (hoje rio Curuá) e não foi por acaso, ali havia fartura de peixes, terra fértil e uma localização estratégica para o controle das rotas fluviais.

Mas a história de Alenquer começa bem antes da chegada dos europeus. A região era habitada por povos indígenas das etnias Tapajós e outros grupos, que deixaram vestígios culturais, como cerâmicas, grafismos e saberes ancestrais que, em muitos aspectos, ainda ressoam nas práticas locais. Com o avanço da colonização, esses povos foram sendo empurrados para o interior, ao mesmo tempo em que a vila ganhava contornos coloniais, com igrejas, casas em taipa e um sistema de produção voltado à extração de recursos naturais.

Ao longo do século XIX, Alenquer passou a se consolidar como importante centro regional. Em 1890, recebeu o título de cidade, e com ele vieram novas demandas, migrações internas e transformações sociais. Famílias vindas de outras regiões do Pará e do nordeste brasileiro se fixaram ali, contribuindo para a diversidade cultural que hoje marca a cidade.

Com o passar do tempo, Alenquer foi moldando sua identidade entre a tradição ribeirinha, o trabalho na terra e a força das celebrações religiosas e populares. Antes mesmo do ciclo da juta transformar a economia local, o município já era um polo de produção agrícola, de comércio regional e, sobretudo, um território de encontros; entre culturas, histórias e modos de vida amazônicos.

Alenquer prosperou economicamente durante os séculos XIX e XX, impulsionado principalmente pelo comércio de produtos extrativistas de origem florestal e aquática, os quais geraram riqueza e consolidaram a importância regional

do município no contexto amazônico. Dentre os itens mais relevantes destacam-se a castanha-do-Pará (*Bertholletia excelsa*), amplamente coletada nas florestas de terra firme e comercializada em feiras regionais e mercados internacionais (HOMMA, 2012); a balata, resina extraída do *Manilkara bidentata*, utilizada na fabricação de isolantes elétricos e bolas de golfe, cuja exploração teve auge entre o final do século XIX e início do século XX (PEREIRA, 2009); e o cumaru (*Dipteryx odorata*), valorizado por suas sementes aromáticas utilizadas nas indústrias cosmética e alimentícia (SILVA; MOURÃO, 2017).

Com o passar do tempo, outras práticas passaram a integrar a economia local, como a coleta de conchas de água doce para produção de botões e adornos (RODRIGUES, 2016), a produção de peixe salgado, especialmente em comunidades ribeirinhas que adotavam técnicas de conservação para escoamento em longas distâncias (SANTOS, 2019), e a introdução da juta, cultura que rapidamente se destacou como uma das mais rentáveis na várzea amazônica (COSTA, 2021). A pecuária, em especial a criação extensiva de gado em áreas de campos naturais, também contribuiu para a economia familiar e o abastecimento regional (BARBOSA, 2014).

Além dessas atividades, Alenquer se notabilizou por sua rica culinária, fruto da confluência de influências indígenas, africanas e europeias. Os saberes alimentares foram transmitidos entre gerações, notadamente por mulheres, que desenvolveram receitas próprias e técnicas de preparo que hoje compõem um cardápio cultural singular, associado à identidade local (OLIVEIRA, 2020). Esses saberes, muitas vezes invisibilizados, marcaram a história da formação social do povo ximango e ainda repousam na memória afetiva dos seus descendentes.

6.2 Produção e colheita da juta: trabalho ribeirinho entre saberes tradicionais e dependência econômica

A introdução da juta na Amazônia, nas décadas de 1940 e 1950, mudou profundamente a dinâmica do trabalho e da terra em diversos municípios do Pará e Alenquer foi um dos mais impactados. O cultivo dessa fibra vegetal, adaptada aos solos úmidos e margens de várzea, passou a integrar o cotidiano de muitas comunidades ribeirinhas, que já viviam em íntima relação com os ciclos do rio e da floresta.

Compreender essa mudança exige que a juta seja analisada não apenas como uma cultura agrícola, mas como parte integrante de um sistema de vida e

produção das comunidades amazônicas, moldado por tensões sociais, adaptações ao meio e estratégias contínuas de sobrevivência e resistência. Nesse contexto, o cultivo da juta refletiu não apenas interesses econômicos externos, mas também a capacidade dos ribeirinhos em ressignificar práticas produtivas e integrar novas culturas ao seu modo de vida tradicional (HOMMA, 2012; SANTOS, 2019).

Segundo Homma (2012), a juta é um exemplo clássico do que ele chama de "ciclo de substituição de produtos florestais por cultivos agrícolas", processo típico das economias amazônicas. No início, a juta surge como alternativa à queda da borracha, sendo promovida por políticas estatais e integrando os pequenos produtores à lógica do mercado nacional. Homma (2012) argumenta que, apesar de parecer uma oportunidade, esse processo gera dependência tecnológica e econômica, principalmente quando há pouca autonomia sobre o beneficiamento e a comercialização da fibra.

Essa dependência se evidencia no cotidiano dos ribeirinhos. Como descreve Libonati (2016), o cultivo da juta exige trabalho intenso, especialmente durante as etapas de plantio, corte, encharcamento e retirada da fibra, que envolvem esforço manual e conhecimento do tempo das águas. A planta é semeada nas várzeas durante a estiagem e colhida em períodos de cheia, o que obriga os agricultores a lidar com o tempo do rio, das chuvas e das marés.

A colheita, em especial, é um momento crucial: os ribeirinhos cortam os talos, fazem feixes e os submergem por dias em igarapés ou tanques naturais para fermentar. Esse processo de "encharcamento" libera a fibra da parte lenhosa da planta. Depois, é preciso lavar, secar e enfardar — tudo feito à mão, sob sol forte, em locais precários.

Como aponta Santos (2007), essa dinâmica exige conhecimentos que não vêm de escolas ou manuais técnicos, mas da experiência coletiva transmitida entre gerações. A produção da juta, nesse sentido, não é apenas um trabalho agrícola: é também uma forma de organizar a vida, o tempo e o espaço da comunidade.

Contudo, como observa Frazão (2005), a relação entre o produtor e o sistema de comercialização era (e muitas vezes ainda é) desigual. Muitos ribeirinhos cultivavam a juta sob o sistema de aviamento modernizado, no qual comerciantes urbanos ou intermediários adiantavam insumos (como sementes, ferramentas e mantimentos) e, em troca, exigiam o pagamento em fibra — quase sempre com

preços definidos unilateralmente. Isso criava um ciclo de endividamento silencioso, dificultando a autonomia dos produtores e perpetuando relações de exploração.

Mesmo diante dessas dificuldades, a juta também gerou momentos de otimismo e mobilização e em certos períodos, os ribeirinhos organizavam mutirões, trocavam saberes e dividiam tarefas, especialmente nas comunidades mais distantes dos centros urbanos. A produção, embora dura, era também um espaço de sociabilidade, de aprendizado coletivo e de resistência diante das imposições externas.

O que esses autores nos mostram, cada um a seu modo, é que a juta não pode ser compreendida apenas como um ciclo produtivo. Ela é parte de um modo de vida ribeirinho que soube incorporar um cultivo exógeno sem abrir mão de sua relação com o território, com o tempo da natureza e com as redes comunitárias. Ao mesmo tempo, a produção da juta evidencia os limites de políticas de desenvolvimento que não consideram a realidade concreta das populações amazônicas.

O processo de produção da juta em Alenquer envolve uma série de etapas que demandam conhecimento técnico, organização comunitária e adaptação ao ambiente amazônico. Após a seleção e o preparo adequado da semente, inicia-se a fase de plantio, realizada geralmente entre os meses de dezembro e fevereiro, coincidente com o início das chuvas na região (LIBONATI, 1958). O solo é previamente arado ou limpo manualmente, sendo a semeadura feita diretamente no campo.

Durante o desenvolvimento da planta, que possui um ciclo médio de 90 a 120 dias, é necessário realizar práticas como o desbaste, o controle de pragas e a manutenção do espaçamento adequado, especialmente quando cultivada em consórcio com alimentos como milho ou feijão, prática comum na agricultura familiar local (FRAZÃO et al., 1980).

A colheita da juta ocorre quando as plantas atingem entre 2 e 4 metros de altura, sendo cortadas manualmente com facões ou podões. Em seguida, as hastes são transportadas até tanques, igarapés ou lagos onde ocorre a etapa do processo conhecida como "encharcamento" ou "curtimento", que consiste na fermentação natural da planta em água por cerca de 10 a 15 dias. Esse processo permite a separação da fibra do caule (SANTOS, 2020).

Depois do encharque, a fibra é retirada, lavada, posta para secar ao sol e finalmente empacotada. Toda essa cadeia produtiva é realizada majoritariamente por mão de obra familiar, envolvendo mulheres, homens e jovens, o que caracteriza um sistema de produção tradicional, sustentável e socialmente inclusivo e vem representando de forma ilustrativa como se desenvolveu a produção da juta entre varias décadas, aonde suas metas eram formadas pela produção em toneladas. Assim observa-se uma crescente produção que com passar dos anos alcançou seu maior pico produtivo de 4500 toneladas, por suas qualidades na produção que era visível na conservação de outros alimentos que eram destinados a exportação por meio das sacarias fabricadas pelas fibras de juta.

Porém por falta de interesse dos governantes e suas particularidades observa-se nesse mesmo gráfico uma queda significa da produção com uma possível paralisação, por falta de recursos adequados para a preservação dessa cultura produtiva. Com isso a união de alguns ribeirinhos tomou frente a luta, aos poucos estão dando inicio a mais um processo dessa formação de desenvolvimento, obtendo poucos apoios como intuito de preservação dos saberes locais.

A cultura da juta é tradicionalmente desenvolvida em área de várzea da região amazônica, onde o tipo de solo e regime sazonal de cheias proporcionam condições favoráveis ao desenvolvimento da planta. A figura 3 ilustra uma plantação típica de juta em ambiente de várzea, evidenciando o espaçamento regular entre as fileiras e a proximidade com canais naturais de drenagem, elementos característicos desse sistema produtivo adotado por agricultores ribeirinhos (HOMMA,1995).

Figura 3: Plantação tradicional de juta em várzea

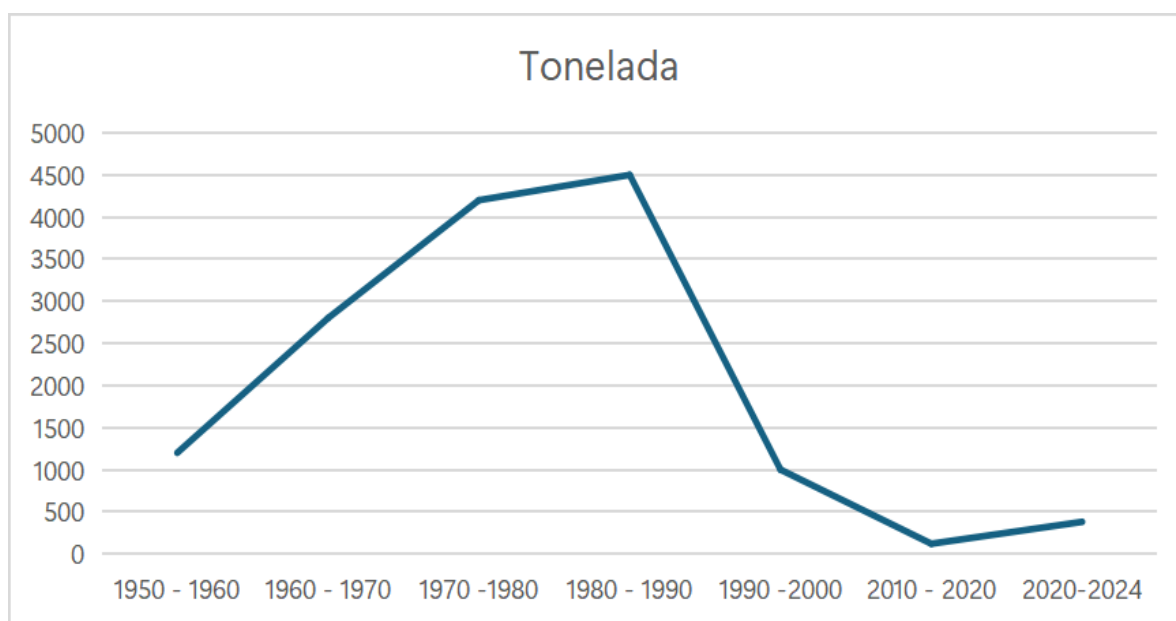


Fonte: Adaptado de Homma, 1995

A produção de juta em Alenquer, município do oeste paraense, acompanhou de forma significativa os ciclos econômicos da região amazônica desde meados do século XX. Introduzida na década de 1950, a cultura da juta transformou os modos de vida ribeirinhos, inserindo comunidades locais em um sistema agrícola voltado para o mercado nacional, muitas vezes mediado pelo sistema de aviação e por relações comerciais desiguais.

O Gráfico 1 apresenta a evolução da produção de juta em Alenquer, expressa em toneladas, no período de 1950 a 2024. A curva inicial demonstra o período de expansão, marcado pelo aumento das áreas cultivadas nas várzeas e pela intensificação do trabalho familiar e comunitário. O auge produtivo ocorre entre as décadas de 1960 e 1980, momento em que a juta se consolida como a principal atividade econômica agrícola do município.

Gráfico 1: Desenvolvimento da Produção de Juta em Alenquer (1950- 2024) em toneladas



Fonte: Dados adaptados de HOMMA (1995), EMBRAPA (1980), Agência Pará (2020).

A partir dos anos 1990, observa-se uma acentuada queda na produção, resultado de fatores como a concorrência das fibras sintéticas, a ausência de políticas de apoio à agricultura ribeirinha, e o enfraquecimento das cadeias de comercialização locais. Apesar das adversidades, pequenos grupos de produtores mantiveram a cultura da juta ativa em algumas comunidades, seja por tradição familiar, seja por estratégias de complementaridade econômica.

Nos últimos anos, com o avanço de iniciativas de valorização de produtos regionais e sustentáveis, percebe-se uma tímida recuperação. Ainda assim, o gráfico evidencia como a produção de juta em Alenquer é também um reflexo das transformações políticas, ambientais e sociais que marcaram a Amazônia nas últimas sete décadas.

O gráfico 01 demonstra a trajetória da produção de juta ao longo de diferentes décadas, entre 1950 e 2024. Nota-se um crescimento expressivo entre os anos de 1950 e 1990, com produção inicial de 1.200 toneladas (t) e pico de 4.500 t entre 1980 e 1990. A partir de então, ocorre um declínio acentuado, atingindo apenas 120 t no período de 2010 a 2020. Na década mais recente (2020–2024), verifica-se um leve aumento para 380 t, indicando uma retomada gradual.

Este comportamento evidencia não apenas as flutuações do setor, mas também revela a importância de políticas públicas voltadas para o fortalecimento de cadeias produtivas tradicionais. Segundo Santos et al. (2017), a cultura da juta no Pará alcançou representatividade significativa nas décadas de 1960 a 1990, respondendo por aproximadamente 25% da produção nacional. Contudo, a ausência de investimentos em tecnologia e a fragilidade dos arranjos institucionais comprometeram a continuidade da atividade, o que pode ser compreendido à luz da Nova Economia Institucional de North (1990), que relaciona o desempenho econômico às estruturas institucionais existentes.

A partir de 2017, iniciativas de resgate foram promovidas em Alenquer, lideradas pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER), envolvendo comunidades ribeirinhas e famílias agricultoras. No primeiro ano de retomada, oito famílias produziram cerca de 8,5 t da fibra. Já em 2020, a colheita chegou a 55 t, com participação de 38 famílias cultivando em áreas de várzea totalizando aproximadamente 19 hectares (AGÊNCIA PARÁ, 2020). Esse movimento reflete não apenas a valorização de práticas tradicionais, mas também o potencial produtivo da região quando associadas à assistência técnica e ao apoio governamental.

Autores como Silva e Fraxe (2012) destacam que, para tornar o cultivo da juta e da malva sustentável, é necessário integrar conhecimentos agrícolas a ações de inclusão social, considerando aspectos ambientais e econômicos. A atividade, em muitos casos, permanece atrelada à lógica capitalista, mas os produtores familiares

enfrentam desafios estruturais e de acesso a crédito, o que exige políticas específicas para fortalecimento do setor.

Além disso, estudos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2005) indicam que sistemas consorciados, como juta e milho, desenvolvidos desde os anos 1980, apresentam resultados promissores para regiões como Alenquer, tanto do ponto de vista técnico quanto ambiental. Tais práticas apontam caminhos viáveis para o desenvolvimento sustentável em territórios amazônicos, ao promoverem o uso racional dos recursos naturais e geração de renda local.

Em síntese, a análise do gráfico revela uma dinâmica histórica marcada por expansão, retração e recente reestruturação da cultura da juta. O caso de Alenquer representa um exemplo significativo de como o resgate de saberes e práticas agrícolas tradicionais pode contribuir para o desenvolvimento regional sustentável. O fortalecimento dessa cadeia produtiva demanda a articulação entre comunidades locais, órgãos de assistência técnica e políticas públicas comprometidas com a valorização das vocações produtivas na Amazônia.

Esse modelo produtivo tradicional, embora rudimentar, sustentava economicamente diversas famílias e estava intimamente ligado ao modo de vida local consolidando uma identidade cultural baseada na relação com os rios, com a floresta e com o saber artesanal (FERREIRA, 2016). No entanto a partir da década de 1990, o avanço das fibras sintéticas, a globalização dos mercados e a ausência de políticas públicas de fomento à produção local ocasionaram o declínio dessa cadeia produtiva, impactando diretamente a economia das comunidades envolvidas (BRASIL, 2021).

A cadeia produtiva da juta em Alenquer não se resume ao cultivo da planta. Ela envolve uma complexa rede de atores sociais e econômicos, distribuídos entre diferentes etapas do preparo da terra até a comercialização da fibra. Cada agente tem um papel específico que, somado aos demais, sustenta o funcionamento ou a fragilidade do sistema produtivo.

O quadro 04 apresenta os principais atores envolvidos nesse processo e suas respectivas funções. Destacam-se os produtores ribeirinhos, responsáveis pelo plantio, colheita e beneficiamento artesanal da juta, utilizando saberes transmitidos oralmente ao longo de gerações. Ao lado deles, aparecem os aviadores ou

intermediários, figuras centrais na dinâmica de crédito e escoamento da produção, muitas vezes atuando também como reguladores informais dos preços praticados.

Outros agentes, como os transportadores fluviais, as usinas de beneficiamento (em cidades-polo como Santarém), e os revendedores finais, completam essa cadeia, cada qual com interesses, graus de poder e estratégias distintas. Em muitas situações, essas relações são marcadas por assimetria, concentrando lucros nos elos finais da cadeia e deixando os produtores mais vulneráveis aos riscos de mercado e à informalidade.

Ao expor esses papéis de forma esquemática, a tabela facilita a compreensão das relações de dependência e intermediação que historicamente moldaram a produção de juta em Alenquer — e que ainda influenciam sua viabilidade socioeconômica no presente. O quadro 04 apresenta os principais agentes envolvidos na cadeia produtiva da juta no município de Alenquer-PA, detalhando suas atribuições dentro do processo de produção, organização, transformação e comercialização da fibra. Essa cadeia é marcada pela participação de agricultores ribeirinhos que, utilizando práticas tradicionais adaptadas ao ecossistema de várzea, realizam o cultivo da juta.

Quadro 4: Atores e suas funções na cadeia produtiva da juta em Alenquer

Atores	Funções Desempenhadas
Agricultores ribeirinhos	Cultivo e colheita da juta nas várzeas: manejo tradicional baseado em saberes locais.
Associações Locais	Organização da produção, defesa dos interesses dos produtores e mobilização comunitária.
Emater	Assistência técnica, capacitação e fomento à agricultura familiar sustentável.
Cooperativas	Armazenamento, beneficiamento da fibra e comercialização coletiva da produção.
Indústria Têxtil	Processamento da fibra de juta em produtos manufaturados para os mercados nacional e internacional.
Prefeitura Municipal	Criação de políticas públicas locais e incentivo à produção com foco no desenvolvimento sustentável.
SEBRAE	Apoio ao empreendedorismo rural, qualificação e inserção de produtores em cadeias produtivas.

Universidades e IFs (Institutos Federais)	Pesquisa científica, resgate histórico, extensão rural e inovação tecnológica
SEMAS (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade)e IBAMA(Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis)	Monitoramento ambiental e incentivo a práticas sustentáveis.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2025.

As associações locais e cooperativas desempenham um papel essencial na articulação coletiva dos produtores, garantindo maior representatividade e poder de negociação. Entidades como a EMATER e o SEBRAE fortalecem a cadeia produtiva ao oferecer capacitação técnica e suporte ao empreendedorismo rural.

A atuação das universidades e institutos federais também se destaca, com projetos de extensão voltados para o resgate histórico da juta e pesquisas que apontam caminhos para sua revitalização. Paralelamente, órgãos ambientais e a própria prefeitura de Alenquer são fundamentais na formulação de políticas que visem à sustentabilidade, respeitando o equilíbrio ecológico da região amazônica.

Segundo Santos et al.(2019), a reativação da cadeia da juta pode contribuir para o desenvolvimento local ao promover inclusão produtiva e geração de renda com base em práticas sustentáveis. Além disso o SEBRAE (2020) ressalta a importância da formalização de empreendimentos comunitários para garantir acesso a mercados e políticas públicas.

Entretanto podemos observar no contexto atual, que a retomada do debate sobre a juta em Alenquer mostra-se essencial para refletir sobre formas de desenvolvimento sustentável que valorizam os saberes tradicionais e promovam a bioeconomia amazônica. A administração pública, nesse sentido, pode exercer um papel estratégico ao promover políticas de incentivo à produção sustentável, capacitação técnica, formalização de empreendimentos comunitários e integração das cadeias produtivas com os mercados regionais e nacionais (SEBRAE, 2020).

A análise também indicou que, apesar da redução significativa da produção de juta no município, há um interesse crescente de movimentos sociais, associações de produtores e pesquisadores em recuperar essa atividade como alternativa de geração de renda, fortalecendo a identidade cultural e promovendo o

desenvolvimento local sustentável. Contudo a aplicação de práticas de gestão participativa, aliadas a políticas públicas adequadas, pode possibilitar a revitalização da juta como recurso estratégico para a economia verde da região trazendo oportunidades de emprego e renda para todos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada sobre a cadeia produtiva da juta no município de Alenquer-PA evidenciou a relevância histórica, econômica e social dessa atividade agrícola para as comunidades ribeirinhas locais. Os dados coletados em pesquisas bibliográficas, documentos técnicos, apontam para a permanência da juta como um vetor de subsistência e identidade cultural, ainda que em declínio, frente à competitividade das fibras sintéticas e à falta de investimentos públicos.

O resgate histórico revela que o cultivo da juta se consolidou entre as décadas de 1940 e 1980 como uma das principais fontes de renda no município, estruturando a vida de diversas famílias. Como demonstrado por Santos (2020), a participação das comunidades ribeirinhas era intensa em todas as etapas do ciclo produtivo, desde o plantio até o beneficiamento da fibra, configurando um modelo de produção baseado no trabalho coletivo, nos saberes tradicionais e na cooperação entre gerações.

Os resultados também mostram que a semente da juta, especialmente das espécies *Corchorus capsularis* e *Corchorus olitorius*, desempenha papel fundamental na produtividade e qualidade da fibra. Essa etapa inicial, que envolve o preparo do solo, o período ideal de plantio e o manejo adequado, determina o sucesso do cultivo. Estudos da Embrapa (FRAZÃO et al., 1980) apontam que o consórcio entre juta e culturas alimentares como o milho é uma estratégia eficaz para aumentar a renda dos produtores e garantir segurança alimentar.

O processo de produção e colheita da juta ainda mantém características manuais e tradicionais, com o encharcamento realizado em igarapés, a secagem ao sol e a participação da mão de obra familiar. Tal cenário demonstra a resiliência das comunidades rurais em preservar modos de produção sustentáveis e adaptados às condições amazônicas. Por outro lado, a pesquisa identificou entraves que dificultam a retomada plena da cadeia produtiva, como a ausência de políticas públicas contínuas, a precariedade da assistência técnica e a baixa valorização do produto no mercado. Ferreira (2016) destaca que o declínio da produção de juta no Pará está diretamente relacionado à ausência de incentivos governamentais e à ascensão das fibras sintéticas, que competem com desvantagens para o pequeno produtor.

Apesar desses desafios, observa-se um esforço recente de instituições como a Emater, a Comissão Técnica de Culturas Regionais (CTC) e pequenos coletivos locais em revitalizar o cultivo da juta com foco na sustentabilidade e na

valorização da agricultura familiar. Em 2020, foram colhidas mais de 55 toneladas de fibra em Alenquer, mobilizando 38 famílias em um sistema de produção certificado com selo Fairtrade (ou comércio justo), demonstrando o potencial de expansão dessa cultura com apoio técnico e políticas de incentivo (AGÊNCIA PARÁ, 2020).

Assim, a cadeia produtiva da juta em Alenquer não apenas resgata uma atividade de relevância histórica, como também representa uma alternativa viável para o desenvolvimento sustentável da região, desde que acompanhada por estratégias que integrem saberes tradicionais, inovação e políticas públicas de fomento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGÊNCIA PARÁ. **Colheita da juta em Alenquer deve chegar a 55 toneladas este ano.** Belém, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/18140/colheita-da-juta-em-alenquer-deve-chegar-a-55-toneladas-este-ano>. Acesso em: 21 maio 2025.

AGÊNCIA PARÁ. **Emater resgata cultura de fibra de juta em Alenquer.** Belém, 2019. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/14963/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

ALENQUER: economia e tradição local. **Revista de Estudos Regionais**, Belém, v. 12, n. 2, p. 45–60, 2020.

ALMEIDA, K. A.; PINTO, D. C. Castanha-do-pará: sustentabilidade e mercados internacionais. **Revista da Bioeconomia**, v. 4, n. 1, p. 11-24, 2018.

ANDRADE, M. R. de. Fibras vegetais amazônicas e o desenvolvimento sustentável. **Revista Amazônia Sustentável**, v. 3, n. 2, p. 90-103, 2017.

ARAÚJO, Karine Andrade da Silva. **Políticas públicas para o setor de juta e malva no estado do Amazonas: uma avaliação sob a ótica da sustentabilidade.** 2012.

Dissertação (Mestrado em Agricultura no Trópico Úmido) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus. Disponível em: <https://bdtd.inpa.gov.br/handle/tede/2037>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BARBOSA, A. M. Etnodesenvolvimento e fibras naturais na Amazônia. **Revista Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 10, n. 2, p. 210-225, 2010.

BARBOSA, J. L. Agricultura familiar e pecuária extensiva no oeste do Pará. **Revista Agroecologia em Debate**, v. 6, n. 1, p. 70-81, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BENCHIMOL, J. L. **Amazônia: formação social e cultural.** Manaus: Ed. Valer, 1966.

BRASIL. Ministério da Agricultura, **Pecuária e Abastecimento.** Plano de Desenvolvimento Agropecuário da Amazônia Legal. Brasília: MAPA, 2021.

CAVALCANTI, C.; BURSZTYN, M. Sustentabilidade e racionalidade ambiental. **Revista Estudos Avançados**, v. 22, n. 63, p. 39-56, 2008.

COSTA, Ana Beatriz. **Produção de juta em Alenquer: desafios e perspectivas para o desenvolvimento sustentável.** 2021. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.

COSTA, D. C. et al. Cadeias produtivas sustentáveis na Amazônia: juta e malva. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v. 5, n. 1, p. 57-72, 2018.

COSTA, D. C. O cultivo da juta em Alenquer: saberes tradicionais e inovação agrícola. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 2, p. 1-11, 2021.

CUNHA, M. C.; SILVA, D. M. E. Sistemas tradicionais de manejo da andiroba em várzeas amazônicas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 14, n. 2, p. 53-66, 2019.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DEAN, W. **A luta pela borracha no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

EMBRAPA. **Sistemas de produção de sementes de juta consorciada com milho para Alenquer, Pará**. Belém: CPATU, 1980. (Circular Técnica, 9). Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/374541>. Acesso em: 14 jun. 2025.

ESCOLA BRITANNICA. **Juta**. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/juta/62653>. Acesso em: 16 set. 2019.

FAGUNDES, J. M. Sementes de juta: produção e distribuição na Amazônia. **Documentos Embrapa**, n. 67, p. 1-30, 2002.

FARIA, Ana Maria Carneiro de. **A economia da juta na Amazônia**: uma análise histórica e social. Belém: NAEA/UFPA, 2001. Disponível em: <http://www.naea.ufpa.br>. Acesso em: 21 maio 2025.

FERREIRA, C. N. Dinâmicas produtivas e juta: limites e possibilidades no oeste do Pará. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 12, n. 1, p. 45-60, 2016.

FERREIRA, C. N.; HOMMA, A. K. O.; BERGAMASCO, S. M. P. P. Agroindústria da juta: experiências no Brasil e na Índia. **Revista Bioeconomia Amazônica**, v. 3, n. 1, p. 88-104, 2019.

FERREIRA, João Carlos. **A cadeia produtiva da juta na Amazônia**: desafios e perspectivas. Belém: NAEA/UFPA, 2016.

FRAZÃO, D. A. C. et al. Consorciação de juta com milho no município de Alenquer. **Documentos EMBRAPA-CPATU**, n. 21, p. 1-22, 1980.

FRAZÃO, D. A. C. et al. **Sistemas de produção de sementes de juta consorciada com milho para Alenquer, Pará**. Belém: Embrapa-CPATU, 1980. 19 p. (Circular Técnica, 9).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, J. M.; RIBEIRO, A. F. Cacau na várzea amazônica: realidade e perspectivas. **Revista Agrária Amazônica**, v. 9, n. 1, p. 44-58, 2011.

GONÇALVES, P. S. et al. Cadeias produtivas sustentáveis: estudo de caso juta e malva. **Revista Sustentabilidade em Debate**, v. 10, n. 2, p. 100-118, 2022.

HERZBERG, Frederick. **The motivation to work**. New York: Wiley, 1959.

HOMMA, A. K. O. Amazônia: desenvolvimento regional e sustentabilidade. Belém: Embrapa, 2010.

HOMMA, A. K. O. Extrativismo e agricultura na Amazônia. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 5, n. 2, p. 11-29, 2012.

HOMMA, A. K. O. O ciclo da juta na economia amazônica. **Revista Estudos Sociais**, v. 32, n. 1, p. 23-40, 1998.

HOMMA, A. K. O. **Origem e evolução da juta na Amazônia**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 1995.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **A civilização da juta na Amazônia**: expansão e declínio. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 1995. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/152661/1/CPATU-DP-252.pdf>

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **A imigração japonesa no estado do Amazonas**: a expansão da juta no médio e baixo Solimões. In: WITKOSKI, A. C.; FERREIRA, A. S.; HOMMA, A. K. O.; FRAXE, T. J. P. (Orgs.). A cultura de juta e malva na Amazônia Ocidental: sementes de uma nova racionalidade ambiental? São Paulo: Annablume, 2010.

KATZ, Daniel; KAHN, Robert L. **The social psychology of organizations**. 2. ed. New York: Wiley, 1978.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBONATI, Alfredo. **A juta na Amazônia**: aspectos técnicos e econômicos. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Produção Vegetal, 1958.

LIBONATI, F. R. Sementes de juta e seu manejo. **Boletim Técnico EMBRAPA**, n. 12, p. 1-15, 1958.

LIMA, J. C. Agricultura nas várzeas amazônicas. **Revista de Geografia Agrária**, v. 2, n. 3, p. 33-44, 1938.

MARTINS, V. L.; BARROS, C. A. Extrativismo sustentável e castanha-do-pará em Alenquer. **Revista Agroamazônia**, v. 5, n. 1, p. 102-116, 2020.

MARTINS, V. L.; BARROS, C. A.; GOMES, A. R. Cadeia produtiva da juta no estado do Pará: análise socioeconômica. **Revista Desenvolvimento Sustentável na Amazônia**, v. 11, n. 1, p. 57-70, 2022.

MASLOW, Abraham H. A theory of human motivation. **Psychological Review, Washington**, v. 50, n. 4, p. 370–396, 1943.

MENDES, R. F. et al. Sustentabilidade e produção de juta: desafios e perspectivas. **Revista Verde**, v. 10, n. 2, p. 56-72, 2022.

MENDES, Ricardo; PEREIRA, Larissa; LIMA, Rodrigo. **Juta, fibras sintéticas e sustentabilidade**: uma análise do setor no oeste do Pará. *Revista Brasileira de Agricultura e Meio Ambiente*, Rio Branco, v. 18, n. 3, p. 80–95, 2022.

MENEZES, M. C. R. Políticas públicas e agricultura familiar na Amazônia. **Revista Estudos Rurais**, v. 2, n. 2, p. 88-101, 2017.

MONTEIRO, M. M. Colonização e juta na Amazônia: o caso de Alenquer. **Revista História e Desenvolvimento Regional**, v. 3, n. 1, p. 11-22, 2007.

NODA, H. Produção de fibras na Amazônia. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 4, n. 2, p. 37-50, 1985.

NODA, Sérgio Nakamura. **Agricultura familiar amazonense**: mobilidade e relações de trabalho na produção de juta e malva. In: WITKOSKI, A. C. et al. (Orgs.). *A cultura de juta e malva na Amazônia Ocidental: sementes de uma nova racionalidade ambiental?* São Paulo: Annablume, 2010.

OLIVEIRA, J. L.; SANTOS, E. P. A cadeia produtiva da juta: desafios logísticos e mercadológicos. **Revista Gestão Regional**, v. 2, n. 1, p. 12-27, 2020.

OLIVEIRA, Maria de Fátima; SANTOS, Luís Henrique. **A juta no município de**

OLIVEIRA, R. C. M. Comida e cultura: práticas alimentares em Alenquer. **Revista Identidades Amazônicas**, v. 1, n. 1, p. 22-37, 2020.

OLIVEIRA, R. C. M. Malva e juta na Amazônia: uso, cultivo e sustentabilidade. **Revista Sustentare**, v. 11, n. 2, p. 66-79, 2019.

PEREIRA, D. S. Economia da juta e os ODS na Amazônia. **Revista Economia Verde**, v. 4, n. 1, p. 34-48, 2020.

PEREIRA, E. V. A balata na economia amazônica. **Revista História Econômica Amazônica**, v. 6, n. 2, p. 19-33, 2009.

ROCHA, D. A. et al. **Sementes de juta**: germinação, armazenamento e boas práticas de cultivo. Boletim Técnico da Embrapa Amazônia Ocidental, n. 45, p. 1-20, 2021.

ROCHA, G. B. et al. Produção de juta em várzeas amazônicas: germinação e solos. **Revista Ciência Agrícola**, v. 12, n. 2, p. 44-59, 2021.

RODRIGUES, T. M. Conchas e adornos no Baixo Amazonas. **Revista Cultura Ribeirinha**, v. 2, n. 1, p. 31-42, 2016. SACHS, I. Caminhos para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Garamond, 2009.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento incluyente, sustentável e sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, D. M. et al. Potencial das sementes de juta no Pará. **Revista Biodiversidade Amazônica**, v. 2, n. 1, p. 15-27, 2019.

SANTOS, E. P. Produção de juta e identidade ribeirinha. **Revista História Amazônica**, v. 6, n. 1, p. 75-89, 2010.

SANTOS, E. P.; ALMEIDA, F. R. Produção e comercialização da andiroba em Alenquer. **Revista Agroflorestal**, v. 2, n. 1, p. 39-51, 2018.

SANTOS, E. P.; MELO, R. M. A juta como vetor de desenvolvimento local. **Revista Bioeconomia e Amazônia**, v. 1, n. 1, p. 55-67, 2021.

SANTOS, L. P. Cadeias extrativistas e pesca em Alenquer. **Revista Ciências Humanas na Amazônia**, v. 2, n. 1, p. 90-105, 2019.

SANTOS, Maria Aparecida. **Juta**: memória e identidade de uma cultura amazônica. Santarém: EDUFOPA, 2010.

SANTOS, R. F. Bioeconomia e agricultura familiar: desafios e soluções. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento**, v. 8, n. 2, p. 44-58, 2024

SANTOS, R. F. dos; SILVA, J. M.; BARBOSA, L. M. **A cadeia produtiva da juta no Baixo Amazonas**: potencialidades e desafios. 2019.

SEBRAE. **Bioeconomia na Amazônia**: desafios e oportunidades para pequenos negócios. Brasília: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2020.

SILVA, A. P.; COSTA, D. C. Juta e malva: produção familiar e sustentabilidade. **Revista Agroverde**, v. 9, n. 3, p. 112-129, 2010.

SILVA, E. R. Cadeias produtivas da juta e cultura regional. **Revista Amazônia em Foco**, v. 5, n. 1, p. 33-49, 2018.

SILVA, João Carlos da. **A cultura da juta e seu impacto nas comunidades ribeirinhas do oeste paraense**. Belém: Editora Amazônia, 2018.

SILVA, M. P.; MOURÃO, M. C. Espécies aromáticas da Amazônia: breu-branco e cumaru. **Revista Botânica Amazônica**, v. 2, n. 1, p. 77-89, 2017.

SILVA, N. M.; CASTRO, A. P.; NINA, N. C. S.; FRAXE, T. J. P. **Fibras de malva e juta: uma produção sustentável da cultura cabocla ribeirinha**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, 2012.

SILVA, R. L.; LIMA, T. C. A importância da juta na agricultura familiar amazônica. **Revista Amazônia Sustentável**, v. 6, n. 1, p. 21-37, 2020.

SILVA, T. F.; LIMA, R. S. **Cadeia produtiva da juta no Oeste do Pará: perspectivas e desafios**. Revista de Desenvolvimento Amazônico, v. 12, n. 1, p. 101–117, 2020.

SMITH, N. J. H. **Amazônia: economia e meio ambiente**. São Paulo: USP, 1999.

TAPAJÓS DE FATO. 141 anos de Alenquer, a “capital do mundo”. **Tapajós de Fato**, Santarém, 12 maio 2025. Disponível em: <https://www.tapajosdefato.com.br/noticia/308/141-anos-de-alenquer-a-qcapital-do-mundo>. Acesso em: 16 jun. 2025.

TRUZZI, O. A cadeia produtiva da juta e malva: uma análise metodológica. **Revista Estudos Interdisciplinares**, v. 5, n. 2, p. 91-107, 2006.

TRUZZI, O. Cadeias produtivas sustentáveis e planejamento regional. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial**, v. 7, n. 1, p. 41-56, 2016.

TRUZZI, O. Caminhos e transformações da juta no Pará (1940–1990). **Revista de História Regional**, v. 2, n. 2, p. 23-38, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE - A Juta em Alenquer

AUTORES	TITULO	OBJETIVO GERAL	PRINCIPAIS DADOS	LINK DE ACESSO	TIPO DE DOCUMENTO
Oliveira et al. (2020)	Sustentabilidade na agricultura familiar: um estudo na cadeia produtiva da juta	Analisar a sustentabilidade da produção familiar da juta em Alenquer.	Produção em 2018; uso do Nvivo v11; destaque à reativação socioambiental e fragilidades institucionais.	https://ojs.brazilianjournals.com.br	Artigo Científico
Emater Pará (2020)	Colheita de 55 t	Relatar produção de juta em Alenquer no período de 2017-2020	38 famílias, 19 ha, renda média de R\$4.000/família; duas safras/ano; potencial de exportação.	https://www.emater.pa.gov.br	Relatório Institucional
Agência Pará (2019)	Resgate da fibra	Demonstrar esforço institucional para retomar a cultura da juta.	100 famílias, produtividade de 700 kg/ha, uso de dados históricos e assistência técnica.	https://www.agenciapara.com.br	Reportagem institucional
Textile Industry (2019)	Projeto Juta-primeiras toneladas	Informar os resultados do projeto piloto com juta	2 comunidades, 30 t em 2019, previsão de 300 t(2020), modelo replicável, geração de empregos.	https://www.textileindustry.com.br	Reportagem técnica
SEMEDE/CTC (2022)	Retomada técnica	Detalhar o modelo institucional	R\$ 100 mil em sementes;	https://www.seplad.pa.gov.br	Documento institucional

		para retomada da juta em Alenquer.	pagamento de R\$ 25/kg; uso de app de gestão.		
Emater Pará	Mais crédito- (2024)	Relatar a ampliação do crédito rural para a cadeia de juta	2023-2024;PRON AF para assentados, fortalecimento da cadeia local.	https://www.emater.pa.gov.br	Relatório institucional
Gusmão, N.M.M., Alcântara, A.O.(2022)	Perfil socioeconômico de agricultores familiares no Baixo Amazonas: um estudo na feira municipal de Alenquer, Pará, Brasil.	Investigar o perfil socioeconômico dos agricultores familiares atuantes na feira municipal de Alenquer, com ênfase nos desafios enfrentados, estrutura de renda e práticas sustentáveis.	O artigo apresenta dados de campo obtidos por meio de entrevistas e observação direta. Identifica que a maioria dos feirantes possui baixa escolaridade, renda mensal inferior a dois salários mínimos e enfrenta dificuldades relacionadas à logística, escoamento de produção e acesso a políticas públicas. Apesar das limitações observa-se grande importância social e econômica da feira como	https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/articulate/view/5853	Artigo científico em periódico acadêmico (Revista Príncipia, IFPB)

			espaço de valorização da agricultura familiar local- contexto onde a cultura da juta pode ser retomada de forma estratégica.		
Emater Pará (2021)	Apoio a outras cadeias	Apresentar estratégias integradas no meio rural de Alenquer.	Investimento de R\$1,5 milhão; 77 famílias; integração de culturas e destaque para juta.	https://www.emater.pa.gov.br/relatorios	Relatório institucional
Aline Miranda (Emater Pará) (2019)	Emater resgata cultura de fibra de juta em Alenquer	Descrever a iniciativa da EMATER em resgatar a cultura de juta em Alenquer, demonstrando o seu potencial socioeconômico e agrônomo.	O município foi responsável por produzir até 12 e 13 mil toneladas de fibra por safra. A partir de 2017, o cultivo foi retomado em caráter piloto por oito famílias, com plantio de 1,5ha cada gerando quase 8,5 toneladas de fibra em sete meses. A produtividade é estimada em 700 kg/ha, com o envolvimento de 100 famílias em	https://agenciapara.com.br/noticia/15599/emater-resgata-cultura-de-fibra-de-juta-em-alenquer	Notícia institucional (gov)

			sete comunidades rurais.		
Igor Nascimento(SEMEDE) (2025)	Estado e Companhia Têxtil reforçam a importância da retomada do cultivo da malva e juta em Alenquer .	Apresentar o projeto de reativação do cultivo de malva e juta, destacando investimentos estaduais e privados, além da relevância histórica e produtiva de Alenquer como polo desse cultivo.	Alenquer produziu historicamente mais de 8.000 toneladas de juta e malva nos anos recentes, apenas cerca de 20 toneladas foram produzidas. O projeto prevê investimento de aproximadamente R\$ 300 mil, com plantio de 16 ha para juta e 40 ha para malva. Destaca-se que a CTC (Cia. Têxtil de Castanhal) chega a importar juta do Bangladesh, apesar de Alenquer ser o berço dessa cultura no Brasil.	https://www.agenciapara.com.br/noticia/37778/estado-e-companhia-textil-reforcaram-a-retomada-do-cultivo-de-juta-em-alenquer	Noticia Institucional (portal de agência oficial do do governo estadual.

APÊNDICE – B Juta na Amazônia

Autor	Título	Objetivo Geral	Principais Dados	Link de Acesso	Tipo de Documento
Nascimento Jr. (2014)	Produtores ribeirinhos pedem socorro.	Alertar sobre o da juta e perda de renda.	Histórico da juta nas várzeas, fechamento de indústrias, necessidade de políticas,	https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/980559/1/produtoresribeirinhos.pdf	Reportagem técnica
Silva (2022)	Biocompósito com fibra de juta da Amazônia: melhoramento e estudo das propriedades mecânicas	Desenvolver materiais sustentáveis com juta.	Compósitos PP com 1-10% de juta, ganhos mecânicos; valorização industrial.	https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9164	Tese de doutorado
Costa Filho(2024)	Fibra de juta reforçada com resina epóxi	Caracterizar a fibra de juta e sugerir políticas públicas.	Dados laboratoriais, financiamento, políticas de sementes e crédito.	https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/19247	Tese de doutorado
Portal Amazônia (2021)	Juta têxtil e produção	Resgatar o histórico da juta em comunidades tradicionais.	Técnicas de maceração, cultivo desde 1929; uso artesanal e têxtil.	https://portalamazonia.com/amazonia-de-a-a-z-juta-a-fibra-poderosa-da-regiao/ Portal Amazônia	Reportagem
O Globo (2023)	Produção de juta eleva renda.	Mostrar o impacto socioeconômico da juta.	15.000 famílias, entre R\$6.800 e R\$15.300; preço médio R\$1,50/kg.	https://oglobo.globo.com/economia/producao-de-juta-na-amazonia-eleva-renda-de-ribeirinhos-com-as-sacolas-ecologicas-	Reportagem jornalística

				30325449 . Acesso em: 20 maio 2025	
Ferreira et al.(2019)	Estado e agroindústria na Índia.	Comparar políticas índianas e amazônicas para juta.	Políticas industriais indianas como referência para a Amazônia.	https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1155339/estado-e-agroindustria-de-juta-na-india-lico-es-para-a-amazonia	Estudo comparativo
Ferreira & Homma (2019)	Colonização britânica e declínio da juta.	Estudar o declínio da juta na Índia colonial.	Lições históricas para evitar colapsos produtivos na Amazônia.	https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1155334/a-colonizacao-britanica-e-o-declinio-da-juta-indiana-singularidades-e-possibilidades-para-a-amazonia	Estudo histórico
Nascimento Jr. (2014)	Produtores ribeirinhos pedem socorro...	Apontar o abandono da cultura da juta nas várzeas amazônicas.	2014,Pará e Amazonas; fechamento de indústrias têxteis, perda de renda ribeirinha, necessidade de políticas integradas.	https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br	Artigo técnico.
Ferreira (2016)	Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidad	Resgatar a história e as potencialidades das culturas da juta no Brasil	Produção na década de 1960 envolvendo mais de 60 mil famílias,	https://www.fapeam.am.gov.br/estudo-conta-a-historia-da-cultura-de-	Relatório de pesquisa

	es e possibilidades (juta e malva- Brasil e Índia)	e na Índia.	análises comparativas com a Índia; potencial de revitalização.	juta-e-malva-no-brasil/	
Costa Filho (2024)	Fibra de juta reforçada com resina epóxi.	Caracterizar a fibra de juta e políticas de apoio.	2024, Amazonas; dados laboratoriais; destaque para linha de crédito e sementes.	https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/10247 Acesso em 30 abril 2025	Tese